

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

EMYLLE COSTA OLIVEIRA

**ARQUITETURA E ORIGEM DA CASA DAS MINAS COMO PATRIMÔNIO
CULTURAL DO MARANHÃO**

SÃO LUÍS

2019

EMYLLE COSTA OLIVEIRA

**ARQUITETURA E ORIGEM DA CASA DAS MINAS COMO PATRIMÔNIO
CULTURAL DO ESTADO DO MARANHÃO**

Monografia apresentada ao Curso de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade
Estadual do Maranhão para o grau de bacharel
em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof. Margareth Gomes de
Figueiredo.

SÃO LUÍS

2019

Universidade Estadual do Maranhão. Sistema Integrado de Bibliotecas da UEMA

O48a

OLIVEIRA, Emylle Costa.

Arquitetura e Origem da Casa das Minas como Patrimônio Cultural do Estado do Maranhão. / Emylle Costa Oliveira. – São Luís, 2019.

93 f. : il.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2019.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Margareth Gomes de Figueiredo.

1. Religião. 2. Arquitetura. 3. Afro-Maranhense. I. Título.

CDU: 719+726(812.1)

EMYLLE COSTA OLIVEIRA

**ARQUITETURA E ORIGEM DA CASA DAS MINAS COMO PATRIMÔNIO
CULTURAL DO ESTADO DO MARANHÃO**

Monografia apresentada ao Curso de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade
Estadual do Maranhão para o grau de bacharel
em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr^a Margareth Gomes de Figueiredo (Orientadora)

Doutora em Engenharia Civil
Universidade Estadual do Maranhão

Profa. Camila Bezerra de Carvalho

Especialista em Preservação e Restauro do Patrimônio Arquitetônico
Universidade Estadual do Maranhão

Profa. Msc. Tayana do Nascimento Santana Campos Figueiredo

Mestre em Projeto de Arquitetura
Unidade de Ensino Superior Dom Bosco

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me permitido vivenciar uma realidade cheia de ensinamentos, e não me abandonar em nenhum desses momentos.

Agradeço à minha família que ensinou tudo que me tornei, e não me permitiu cair em meio às dificuldades, especialmente aos meus pais, Manoel e Rosemeire, que me mostraram o verdadeiro valor da vida e me incentivaram a lutar durante toda a caminhada, meu irmão, que é fonte de sabedoria, e à minha irmã, que se torna meu exemplo todos os dias, meu orgulho, e minha vivência, eu amo vocês.

Aos meus amigos, que me viram crescer e me ajudaram nessa jornada chamada vida, além disso, me mostraram o verdadeiro significado de companheirismo, confiança, reciprocidade e amor.

À Universidade Estadual, que me permitiu dar início ao meu sonho, e em especial à professora Margareth Figueiredo, que abraçou meu tema, e me proporcionou toda atenção, conhecimento e incentivo para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço também ao EMAU, por ter me mostrado a arquitetura e urbanismo de forma humana por meio do projeto participativo, e por trazer uma nova realidade para estudantes da graduação.

Por fim, agradeço aos funcionários da faculdade, que conversaram, me apoiaram, e me ajudaram a caminhar nesses cinco anos de história acadêmica, meu muito obrigada a todos vocês!

“Eu sou a voz da resistência preta”

(Washington Duarte)

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem como objeto de estudo a Casa das Minas, cuja fundação possui mais de 150 anos e até os dias atuais apresenta notoriedade no ambiente religioso afro-maranhense. O culto é conhecido por preservar a cultura jeje-dahomeana pelos seus ritos executados ao som de instrumentos únicos, e que tiveram sua origem por meio dos negros jeje, vindos do sul de Benin. Diante do exposto, pretendeu-se dessa maneira analisar a origem da sua fundação por meio de leituras bibliográficas, artigos e pesquisa de campo para entender essa resistência que faz parte da preservação identitária do povo maranhense. O estudo também planejou analisar a arquitetura dos espaços internos para ampliar o conhecimento acerca deste lugar sagrado, e seus usos relativos ao referido culto.

Palavras-chave: Religião. Arquitetura. Afro-Maranhense

ABSTRACT

This research work aims to study the Casa das Minas, in which had been founded over 150 years ago, and still has notoriety in the Afro-Maranhense religious environment. The cult is known for preserving the jeje-dahomean culture through its rites performed under the sound of unique instruments, which were originated through jeje black people from the south of Benin. Given the above, it was intended to analyze the origin of Casa das Minas foundation through bibliographical readings, articles and field research to understand this resistance that is part of the identity preservation of the people of Maranhão. The study also analyzed the architecture of the internal spaces to broaden the knowledge about this sacred place, and its uses related to the referred cult.

Keywords: Religion. Architecture. Afro-Maranhense

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 –	Mapa de São Luís em 1641	17
FIGURA 2 –	Rua da Palma em 2008	18
FIGURA 3 –	Grupo de fiéis da Casa de Nagô, amigas de gente da Casa das Minas	20
FIGURA 4 –	Dança do Tambor de Mina	21
FIGURA 5 –	Fortaleza de São Jorge da Mina e Castelo no monte de S. Tiago (1750)	23
FIGURA 6 –	Recorte com a localização da Casa das Minas	26
FIGURA 7 –	Recorte com a suposição da localização da primeira Casa das Minas no mapa da Capital em 1912	27
FIGURA 8 –	Fachada da Casa das Minas	28
FIGURA 9 –	Homens e Mulheres Daomeanos	29
FIGURA 10 –	Relação das Vodúnsis na última feitoria	31
FIGURA 11 –	Vodúnsis com tobóssis após a última feitoria de gonjaís de 1914. Ao centro, Mãe Andresa	32
FIGURA 12 –	Relação do barco de Mãe Andresa e outras filhas	33
FIGURA 13 –	Relação de chefes da Casa	35
FIGURA 14 –	Vodúnsis na Casa das Minas	41
FIGURA 15 –	Número de divindades conhecidas na Casa das Minas	43
FIGURA 16 –	Relação de vodúnsis gonjaís da Casa com nomes de seus voduns e tobóssis.....	44
FIGURA 17 –	Grupo de Noviches ao lado da nochê Andresa- Festa de Pagamento	46
FIGURA 18 –	Calendário de Festas da Casa	50
FIGURA 19 –	Tambores usados nas cerimônias	52
FIGURA 20 –	Festa de Badé	53
FIGURA 21 –	Festa Acóssi	54

FIGURA 22 – Fachada Casa das Minas	59
FIGURA 23 – Planta esquemática da Casa das Minas com os anos de fundação (2001)	60
FIGURA 24 – Fachada 2 Casa das Minas	61
FIGURA 25 – Planta esquemática da Casa das Minas com explicação dos cômodos (2001)	63
FIGURA 26 – Altar da Casa das Minas na Sala Grande (2018)	64
FIGURA 27 – Foto da Guma (2018)	65
FIGURA 28 – Foto da Cozinha (2001)	66
FIGURA 29 – Foto do Gume com Cajazeira ao fundo (2001)	67
FIGURA 30 – Foto do Corredor da Casa de Sepazim (2001)	68
FIGURA 31 – Foto do documento com solicitação para tombamento	75
FIGURA 32 – Documento com registro de tombamento	76
FIGURA 33 – Documento com registro de inscrição da Casa no Livro do Tombo	77

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	PATRIMÔNIO CULTURAL	14
2.1.	São Luís e sua identidade por meio do patrimônio histórico e cultural.....	16
3	INÍCIO DA RELIGIÃO AFRICANA NO MARANHÃO	19
3.1.	O que é mina.....	23
3.2.	Compreendendo o espaço e fundação.....	26
3.3.	O grau elevado.....	30
3.4.	Primeiras matriarcas e suas histórias.....	33
3.5.	A teogonia explicada.....	38
3.5.1	O que seriam os voduns.....	39
3.5.2	Divisão das famílias.....	42
3.5.3	As festas e suas separações	46
3.5.4	Rituais Festivos.....	49
3.5.5	Características dos rituais.....	51
4	O TEMPLO.....	59
4.1.	Explicando o desenho.....	63
4.2.	Conexão com a cidade.....	70
4.3.	Registro histórico como termo patrimonial.....	74
4.4	Situação atual	78
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
	REFERÊNCIAS.....	83
	GLOSSÁRIO.....	88

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que as religiões de matriz africana tiveram sua introdução no Maranhão há muitos anos, e fazem parte da formação da cultura afro por meio de terreiros e cultos existentes até os dias atuais. As expressões e transmissões de religiosidade se tornaram únicas na Casa das Minas, cujo local é originário do tambor de mina, e detentor do título de patrimônio Cultural do Estado desde 2001 (IPHAN, 2001).

Nesse contexto, a Casa das Minas é um dos locais mais antigos que preservam a cultura afro-brasileira no Maranhão, pois sua fundação possui mais de 150 anos, e até os dias de hoje apresenta notoriedade no ambiente religioso afro-maranhense (CAVALCANTI, 2019). Sua origem teve o ponto de partida com a chegada de negros escravizados no século XIX, vindos do sul de Benin e chamados de negros minas ou minas-jeje (FERRETTI, 1996). O culto é reconhecido pelos seus ritos executados ao som de instrumentos únicos, e se caracterizar também por um estado de transe, pois as filhas-de-santo ou particularmente chamadas de *vodúnsis*, são incorporadas pelos seus *voduns* (FERRETTI, 1996).

O Maranhão recebe grande influência das religiões de matriz africana, e é visto como principal local que preserva a cultura jeje-dahomeana (FERRETTI, 2001). Entretanto, tal fato não é devidamente reconhecido pela maioria da população do Estado. Assim, este trabalho propõe-se não somente entender a origem desta religião, como também analisar a edificação e espaços com seus usos, absorver também o conhecimento sobre o culto preservado ao longo dos anos, além de avaliar a importância para a historicidade no ambiente afro-maranhense.

Portanto, o objetivo do presente estudo foi analisar a Casa das Minas como elemento de resistência africana em São Luís do Maranhão. Contudo, para a resposta ser mais eficaz em relação ao objetivo geral, traçaram-se os seguintes objetivos específicos: Verificar a introdução da religião africana no Estado, identificar a história acerca da Casa das Minas, esclarecer a respeito do referido culto e compreender a arquitetura e organização dentro do templo. Para o desenvolvimento do trabalho foram utilizados métodos do estudo bibliográfico com pesquisa documental, exploratória,

descritiva e explicativa dos elementos presentes na relação entre a cultura tradicional existente, e a sua relação com a cidade.

Desta forma, nos capítulos desse trabalho verificam-se primeiramente o conceito acerca do patrimônio cultural e sua realidade na Capital, no segundo capítulo entende-se a introdução da religião africana no Estado e como o tambor de mina se configurou como uma religião, além da iniciação do templo e sua teogonia. Por fim, no último capítulo deve-se compreender o espaço sagrado e explicar o desenho determinado pela religião.

2 PATRIMÔNIO CULTURAL

Em uma linguagem comum, patrimônio vem sempre trazer uma ideia de significado econômico, pois retrata de imediato uma noção de conjunto de bens que se tem posse. Existem dois aspectos que merecem serem vistos nessa concepção, o primeiro é o entendimento de valor a esta coisa, como se fosse um tesouro, e o segundo, de que este elemento se torna um conjunto com grande relevância, que caminha para uma significação muito maior do que é visto a princípio

. Esse aspecto é abordado na Carta de Cracóvia-Princípios para a conservação e o restauro do patrimônio construído (2000):

Patrimônio é o conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares e com os quais se identifica. A identificação e a valorização destas obras como patrimônio é, assim, um processo que implica a seleção de valores.

A palavra Patrimônio tem origem latina e vem de *patrimonium*, que significa pater, ou pai (FUNARI; PELEGRINI 2009). Esse termo também significava algo herdado pelos pais (DUARTE; GARCIA 2017). Hoje por sua vez a conotação do significado de patrimônio mudou, e conseqüentemente passou a ter grande quantidade de conceitos.

De acordo com Gonçalves (2009, p. 27, apud DUARTE, 2017, p.13), “utilizamos com frequência em nosso cotidiano essa palavra, bem como a fragmentamos ao mencionarmos patrimônios econômicos, financeiros, imobiliários, de um país, patrimônios de uma família, patrimônios históricos, intangíveis, genéticos, dentre outros. Se pensarmos o patrimônio como algo construído pelos homens ao longo do tempo, percebemos que esteve presente em todos os períodos históricos, “na verdade, resultam de processos de transformação e continuam em mudança”.

Quando o termo “patrimônio” aparece acompanhado da palavra “cultural”, acontece a ressignificação do conceito, pois se torna tudo aquilo que é transmitido e gerado pela cultura, sendo formado, portanto, pela transmissão de referências culturais de grupos sociais a outras gerações, como crenças, hábitos etc. Então quando se compreende o patrimônio cultural como um todo, entende-se que a definição não é somente aquilo que é escolhido por uma pessoa, e sim o que é

selecionado como importante para a identidade de uma comunidade (DUARTE; GARCIA, 2017)

No artigo nº 216, da Constituição Federal de 1988, “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. Este artigo vem tratar das formas de expressão, modos de criar, criações científicas, obras, objetos, documentos, edificações, além de sítios de valor histórico, paleontológico, ecológico, e etc. Cada povo cria os seus símbolos e selecionam lugares e objetos de suas memórias que os diferenciam dos demais, seja pela fisionomia física ou moral.

O patrimônio cultural vai ser dividido em três categorias: Primeiro vai tratar dos elementos que pertencem ao meio ambiente, e nesta categoria estão os rios, os bichos etc. O segundo elemento vai falar do saber, e das técnicas do homem em toda sua vida, e a última vai trazer os bens culturais obtidos a partir do meio ambiente (LEMOS, 2006). Ou seja, inclui aspectos variados como formas, lendas, vestimentas, entre outras, vale ressaltar que essas relações podem ser divididas em duas classes: material e imaterial. Na parte material estão os suportes físicos que apresentam aspectos de identidade cultural ao grupo, como edificações, objetos e artefatos. E na parte imaterial estão as práticas sociais como costumes, tradições ou saberes que são formas de expressão (SILVA, 2011). Portanto o “patrimônio cultural é, para a sociedade, o que a memória pessoal é para o indivíduo” (MENDES, 2012, p.17).

2.1 São Luís e sua identidade por meio do Patrimônio Histórico e Cultural

São Luís teve sua história iniciada a partir de 1540, quando Ayres da Cunha preparou uma expedição que partia de Lisboa para a Costa Maranhense, para desenvolver a capitania permitida a João de Barros. Nessa época a expedição naufragou logo na chegada, e os sobreviventes alcançaram a grande ilha que ficava entre três rios, hoje chamados de Mearim, Munim e Itapecuru, e fundaram a vila de Nazaret (LOPES, 2008).

Em 1612, Daniel de La Touche junto a outros companheiros vieram para a Ilha com a finalidade de implantar a França Equinocial, ancoraram no mesmo lugar, e em 08 de setembro fundaram o Forte e a Vila de São Luís em homenagem ao Rei Sant Luís IX. Já no ano de 1615, os portugueses sob o comando de Jerônimo de Albuquerque expulsaram os franceses e reassumiram o território, pedindo que o engenheiro Francisco Frias de Mesquita projetasse as fortalezas para consolidar este lugar, e em 1621 era finalmente criado o Estado do Maranhão. Em contrapartida, de 1641 a 1644 a Capital foi invadida pelos holandeses (LOPES, 2008).

Com a chegada de dezoito embarcações com mil militares, comandados pelo almirante Jan Corneliszoon Lichthardt e pelo coronel Koin Anderson. Os holandeses queriam retomar sua antiga hegemonia de distribuidor de açúcar na Europa, explorando as riquezas da colônia e encontrando uma passagem mais curta para o Peru. Além de deixar a cidade quase totalmente deserta, os holandeses abalaram a economia local. Saquearam cerca de cinco mil arrobas de açúcar, estagnando a produção até dos engenhos localizados à margem do Rio Itapecuru no interior da província. Ao cabo de um período de aproximadamente três anos de ocupação, os holandeses tiveram que enfrentar uma guerrilha que gerou grande destruição na cidade e culminou com a sua expulsão em 1644. Conduzidos por Antônio Muniz Barreiros e depois de sua morte por Teixeira de Melo, os senhores de engenho do Mearim retomam a cidade, apoderando-se do Forte de Rosário, depois entrando na Ilha, combatendo e vencendo os holandeses (LOPES, 2008, p.17)

Com a expulsão dos franceses em 1615, o engenheiro Francisco Frias de Mesquita foi chamado para projetar fortificações que trouxessem a segurança do sítio, além de um plano de urbanização para a expansão e desenvolvimento da capital. Assim como Andrés expõe:

O projeto de urbanização do Engenheiro Frias de Mesquita foi tão determinante para a evolução urbana de São Luís, que até mesmo as áreas da cidade que vieram a se consolidar, cerca de duzentos anos depois, já durante o século XIX, ainda obedeciam ao mesmo padrão reticulado uniforme de ruas estreitas que variam de sete a dez metros de largura e às dimensões de quadras que não passam de 80 X 80 metros (ANO XXII, p.43).

O plano feito por Frias de Mesquita trouxe grande inovação para a Capital, pois a malha ortogonal trazia um aspecto moderno ao comparar com o estilo medieval de ruas estreitas adotadas para algumas Capitais, como Olinda e outras. “Entretanto, nas suas outras características originais, a cidade confirma o modelo de ocupação usualmente adotado pelos colonizadores – a "Cidade Alta", administrativa, militar e religiosa, e a "Cidade Baixa", marinheira e comercial, que, associadas à tipologia dominante das edificações surgidas mais tarde, a partir do final do século XVII, conferem a São Luís, até os dias atuais, uma forte conotação lusitana que faz evocar, em diversos trechos de sua paisagem urbana, aspectos das cidades do Porto e Lisboa” (IPHAN).

Figura 1 – Mapa de São Luís em 1641.



Fonte: LOPES (2008).

“Em seis de dezembro de 1997, parte do Centro Histórico de São Luís, capital do Estado do Maranhão, foi incluída pela Convenção do Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) na Lista do Patrimônio Mundial” (LOPES, 2008, p.47).

O processo que deu origem a este título de patrimônio atendeu três critérios definidos pela Unesco:

“iii – Testemunho excepcional de tradição cultural”; “iv – Exemplo destacado de conjunto arquitetônico e paisagem que ilustra um momento significativo de história da humanidade”; e “v – Exemplo importante de um assentamento humano tradicional que é também representativo de uma cultura e de uma época”. (LOPES, 2008, p.47).

A malha urbana do século XVII da Cidade, e seu conjunto influenciado pela arquitetura *pombalina* foram elementos que justificaram o título, além de um conjunto de quatro mil casarios distribuídos entre solares, edificações com até quatro pavimentos, casas térreas e sobrados preservados com fachadas azulejadas dos séculos XVIII e XIX (IPHAN). Entre as tipologias de casas térreas destaca-se os dois imóveis do tipo $\frac{3}{4}$ de morada onde está instalada a Casa das Minas, objeto desta pesquisa. Trata-se de um terreiro que vivencia tradições como as danças, cantos, e mantêm a memória dos africanos por meio do culto afro-maranhense.

Figura 2 – Rua da Palma em 2008.



Fonte: LOPES (2008).

3 INÍCIO DA RELIGIÃO AFRICANA NO MARANHÃO

Observando o período colonial até o século XVIII, não existiam denominações para nomear os tipos de cultos e religiões de matrizes africanas existentes pelo País, e sim uma associação com os Estados do País, sendo o Tambor de Mina presente no Maranhão, Candomblé na Bahia, o Xangô em Pernambuco, a Umbanda no Rio de Janeiro, e o Batuque no Rio Grande do Sul. Existiam também os cultos às entidades caboclas e a Encantaria, eram rituais com entidades sem raízes brasileiras, ou seja, eram *encantados* vindos da França, Turquia, entre outros. Havia então termos que definiam todas essas religiões que até então não eram divididas por nomenclaturas africanas, conforme Silva diz (1995, p. 43, apud LINDOSO, 2014, p. 19):

No século XVIII os termos citados acima eram utilizados para determinar as religiões, e somente no século seguinte que se começa a surgir as primeiras casas de religião com fundação em terreiros, e os cultos afros no Brasil começam a passar por três fases como afirma Prandi (1999, apud LINDOSO, 2014, p. 200).

De acordo com Teixeira (apud SANTOS, e NETO 1989, p.19):

Estão divididos em três categorias. Primeiramente os autores apontam para os terreiros de mina que possuem lideranças de pessoas que estão atreladas aos terreiros mais tradicionais como o Terreiro do Egito, (já extinto) da Turquia e a Casa de Nagô, esta última permitiu que fossem fundadas diversas outras casas de culto na capital e no interior, sendo responsável por grande número de iniciados no Tambor de Mina. Um segundo conjunto dos terreiros de São Luís que podemos destacar, são os que se definem enquanto mina, procurando inspiração dos terreiros mais antigos, no entanto recebem forte influência da Umbanda em seus rituais. Em relação ao primeiro aspecto citado como a Casa de Nagô, o Terreiro do Egito e o da Turquia, são intitulados ainda enquanto terreiros de raiz e certamente neste título possuem mais prestígio em relação às casas. A Casa das Minas e a Casa de Nagô são denominadas enquanto matriarcas por pesquisadores, pelo fato de possuírem a tradição de serem lideradas por mulheres. E, finalmente, temos aqueles terreiros que se assumem enquanto terreiro de Umbanda, podendo ocorrer em alguns casos de esses não atribuírem muito valor e prestígio ao Tambor de Mina.

Figura 3 – Grupo de fiéis da Casa de Nagô, amigas de gente da Casa das Minas.



Fonte: [S.l.: s.n.], Acervo Digital (2017).

Diante do exposto, vale ressaltar que existe uma diferenciação entre esses segmentos, visto que o tambor de mina vem ser o culto a entidades africanas, no qual os protagonistas são os *voduns*, ancestrais da família do reino de Daomé. Os orixás também são cultuados, e representados pelas forças da natureza, ou seja, elementos oriundos da água, terra, ar e fogo, e os caboclos não enquadrados como espíritos brasileiros, pois apresentam diferentes ancestralidades, como turcos, franceses, portugueses, como é explicado a seguir:

Na Mina maranhense, os caboclos “[...] são denominados genericamente como todas as entidades espirituais que não eram cultuadas pelos negros antes da abertura dos primeiros terreiros de religião afro-brasileira” (BARROSO JR, 2013, p.86), porém não devem ser confundidos como índios embora apresentem alguma ligação com eles. O caboclo é definido conforme a mitologia do mesmo na mina maranhense como, sendo brancos europeus turcos (mouros) e crioulos, que pode ser de origem nobre ou popular que entraram na mata ou na zona rural, ou ainda que, renunciando ao trono e à civilização, aproximaram-se da população nativa indígena, miscigenando-se com ela e distanciando-se de certo modo dos padrões de comportamentos das camadas dominantes, de uma elite nobiliárquica. São também, em menor escala, índios “civilizados” (acaboclos) ou miscigenados, recebidos na Mina como caboclos. Porém há também a realização de rituais onde são recebidas em transe mediúnico entidades que apresentam características

estereotipadas de índios na condição de “selvagens”, e esse ritual é conhecido como tambor de índio, tambor de Borá ou canjerê, embora esse tipo de ritual não seja realizado em todos os terreiros (APUD NUNES, 2018, P.28)

Eles baixam quando acontecem rituais com tambor, popularmente chamados de “toques” em dias de festa dos santos católicos (FERRETTI,1996).

Figura 4 – Dança do Tambor de Mina.



Fonte: Edgar Rocha, Fotografoedgarrocha (2014).

Segundo Mundicarmo Ferretti (1996, p.3), “A partir dos anos sessenta a Mina passou a ser influenciada pela Umbanda, tanto na capital como no interior do Estado, e conseqüentemente criou uma religião “cruzada” com o tambor de mina, pois muito dos costumes da Mina foram alinhados à Umbanda.” Os mais adeptos no Estado a este segmento de religião são pessoas procedentes de classe média, existindo muitos pais-de-santo com instrução de nível superior. Nos elementos desse dogma, há uma forte presença da mina, e orixás da religião do candomblé, como Xangô, Yansã e outros. Porém existem especificidades que diferenciam os dois cultos, como é mostrado a seguir:

A Umbanda não lida propriamente com os orixás (deuses do Panteão Africano), mas com a incorporação em seus médiuns de espíritos desencarnados, tais como: o caboclo, o preto-velho, a criança, o baiano, o boiadeiro, o espírito da água, o Exu. Para a Umbanda, esses espíritos são entidades espirituais desencarnadas que retornam ao plano terrestre por estarem em processo de evolução espiritual. (SALES, 2017, p.6)

Com efeito, pode-se opor Umbanda e candomblé como se fossem dois pólos: um representando o Brasil, o outro a África. A Umbanda corresponde à integração das práticas afro-brasileiras na moderna sociedade brasileira; o candomblé significaria justamente o contrário, isto é, a conservação da memória coletiva africana no solo brasileiro. (ORTIZ, 1999, p. 16).

Como diz FERREIRA, E. (1984, apud FERRETTI, 1996 p.13), O Candomblé só foi introduzido nos terreiros de São Luís em 1981, após a ‘troca de axé’ do pai-de-santo e fundador da Casa Fanti-Ashanti em terreiro de Pernambuco, embora o nagô da Bahia, há muito exercesse ali grande fascínio, como ele mesmo explica, em livro publicado em 1984.

Um dos pontos principais do candomblé no Estado é o culto aos orixás nagôs, como lemanjá, Ogum, Obaluaiê e outros, além das danças, ladainhas, roupas, instrumentos utilizados e muitos costumes que são diferentes do tambor de mina. É interessante deixar claro que existem diferenças entre os costumes segundo (SANTOS,2010, p.30, apud GOIS, 2013), pois:

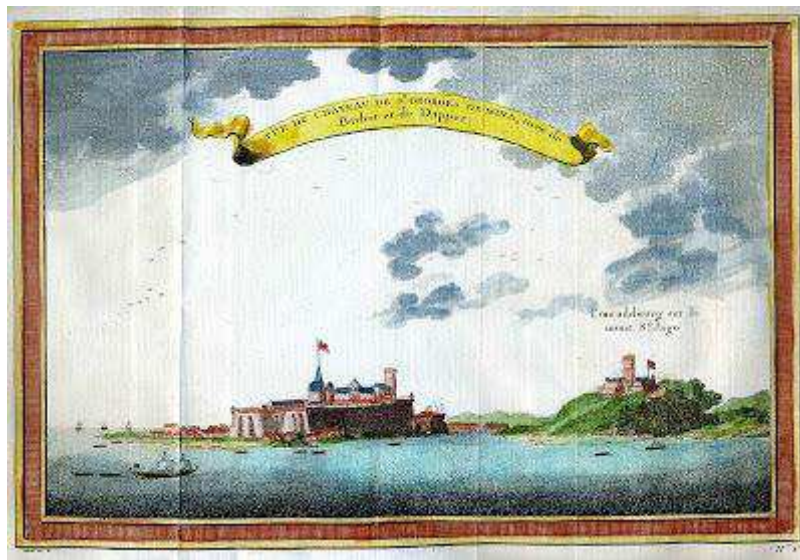
O Candomblé é uma religião que se organiza a partir do culto aos Orixás, Inquices e *Voduns*, divindades originárias do panteão africano, mas também incluem as Entidades do universo mítico-religioso do Brasil, tais como Caboclos e Marujos, considerados, por alguns, espíritos de antepassados e geralmente subordinados àquelas outras divindades supracitadas. A divindade suprema é Olorum, o criador do mundo que designou a criação e a sua manutenção às divindades acima. Olorum não tem culto direto. Seu culto é feito através das divindades que ordenam o mundo e a vida das pessoas.

Cada orixá pode se subdividir em algumas “figuras” ou “manifestações” particulares, cada qual associada a uma passagem ou episódio de sua mitologia: assim, enquanto Oxaguiã é o Oxalá jovem e está associado à cultura material, Oxalufã é o Oxalá velho e se associa à criação do homem. Em muitos templos, cada orixá tem um correspondente entre os santos católicos: assim, é comum que Iansã, orixá que comanda as tempestades, seja associada a Santa Bárbara. Ressalte-se que, na África, cada templo é dedicado a apenas uma divindade, enquanto, os templos ou terreiros do candomblé, ainda que tenham um orixá patrono, dedicam-se ao conjunto total das divindades. “(MARCUSI, 2010.)

3.1 O que é MINA

Como afirma Ferretti (1996, p.11) “O termo *mina* se originou a partir do Forte de São Jorge da Mina, que fica na atual República de Gana, e era considerado na época um dos mais antigos centros de comércio de escravos na África.” O nome também veio de um determinado grupo étnico absorvido pelo tráfico no séc.XIX, e que posteriormente no Brasil foi atribuído aos escravos vindos do Golfo de Benin, na África Ocidental, e chamados particularmente de negros mina ou jeje, justamente por terem vindo da parte Sul de Benin, do qual já foi parte de um grande reino chamado Daomé (FERRETTI,1996).

Figura 5 – Fortaleza de São Jorge da Mina e Castelo no monte de S. Tiago (1750).



Fonte: [S.l.: s.n.] Civilizações africanas (2010).

Ferretti diz (1996, p.11) O culto se caracteriza como uma crença que traz a possessão, pois entidades são reverenciadas e incorporadas em participantes, sendo com maior relevância em mulheres, chamadas de filhas-de-santo ou *vodúnsis*, que são incorporadas pelos seus *voduns* em períodos de festividade ao som instrumentos característicos. Esse fenômeno religioso africano é costume da cultura local, e sua ação proporciona significado e resistência cultural pela preservação da identidade de um povo.

A prática religiosa apresenta elementos originários dos cultos afros, e da religião católica, visto que no ano acontecem festividades em respeito aos *voduns*. Estas cerimônias que os homenageiam sempre ocorrem nas datas dos santos importantes, e é costume chamar esta comemoração de “dia do toque”, no qual tambores são tocados, canções, danças, além de alimentação e bebidas para divertimento. Quando ocorrem esses momentos, sempre é costume iniciar a comunicação das divindades com os religiosos, e os devotos sempre pedem proteção ou pagam as promessas (FERRETTI,1996).

No Estado, este espaço foi o local que iniciou o culto, servindo assim de exemplo para outras casas que praticam a religião africana. Os nomes para este local variam entre Casa grande das Minas, Casa das Minas jeje, *Casa Querebentã de Zomadônu* ou até *Terreiro de Zomadônu*, cujo significado vem da denominação de uma divindade masculina da família de Davice, a qual foi *vodum* da fundadora do templo, sendo o dirigente principal da Casa, evidenciando assim um costume da crença, como mostra o documento sobre o Templo em questão, feito no registro da UNESCO do colóquio Internacional em São Luís, que debateu as “Sobrevivências das Tradições Religiosas Africanas na América Latina e no Caribe.” (1986, p.34, Apud FERRETTI, 1996, p.35):

A tipicidade deste segmento são os *voduns*, que vêm com o propósito de tratar dificuldades dos indivíduos, como as relacionadas à vida, além de doenças. Outro ponto que vale ser ressaltado, é que conforme Nunes Pereira (1979), “a organização da Casa apresenta coesão familiar, regras de domínio matriarcal, e parentescos que se relacionam aos *voduns*.” Há também várias invocações secretas no tambor de Mina, como fala Elbein dos Santos quando menciona o sistema:

A palavra proferida tem um poder de ação. A transmissão simbólica, a mensagem, se realiza conjuntamente com gestos, com movimentos corporais, a palavra é vivida, pronunciada, está carregada com modulações, com emoção com a história pessoal, o poder, e a experiência de quem profere (Santos, 1976, p. 12-13).

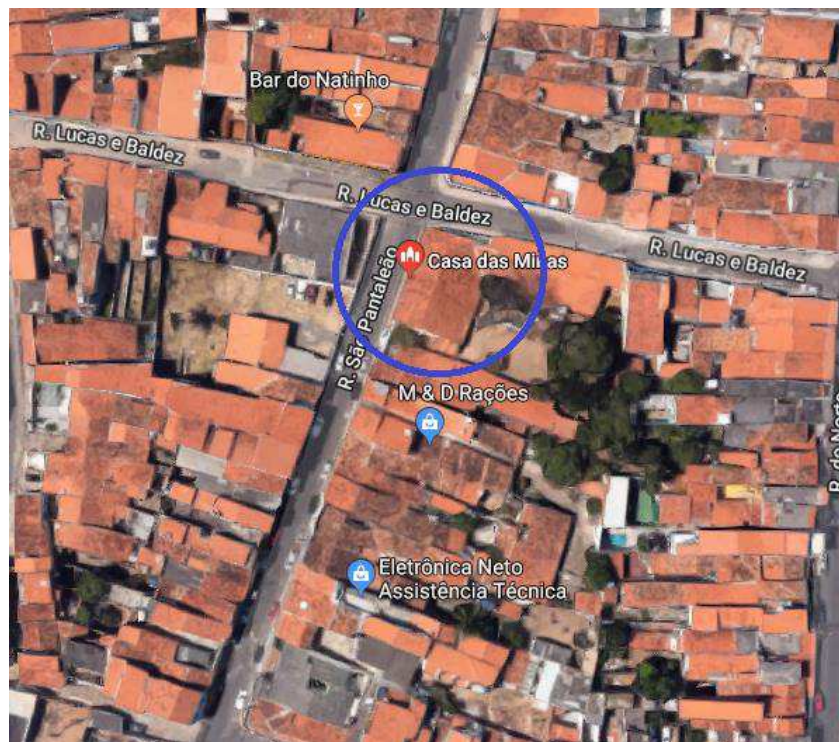
Por ter seu regime matriarcal, as mulheres possuem o protagonismo, e dever mais significativo que os homens, pois somente elas recebem seus *voduns* e dançam, enquanto os homens são colocados em posições subalternas, só tocam seus tambores e atuam dos rituais. Existe um poder entre as mulheres no ritual africano, como exemplifica Silverstein (1979, p. 134-69, apud FERRETTI, 1996, p.254):

Analisa o significado do poder ritual da mulher nos candomblés baianos, verificando suas relações com a sociedade envolvente. Constata ela que, na Bahia, os candomblés dão poder e distinção à mulher negra e pobre, sendo talvez seu único veículo de entrada na sociedade dominante.

3.2 Compreendendo o espaço e fundação

O templo foi construído em 1º de maio de 1847, está localizada na Rua de São Pantaleão, e tem seu espaço físico formado por duas casas térreas (remembradas) tipo $\frac{3}{4}$ de morada, que ocupam incluindo o lote, um espaço de 1.500m². Sua edificação possui seis janelas e duas portas que tem sua abertura de frente a rua principal (FERRETTI,1996).

Figura 6 – Recorte com a localização da Casa das Minas.



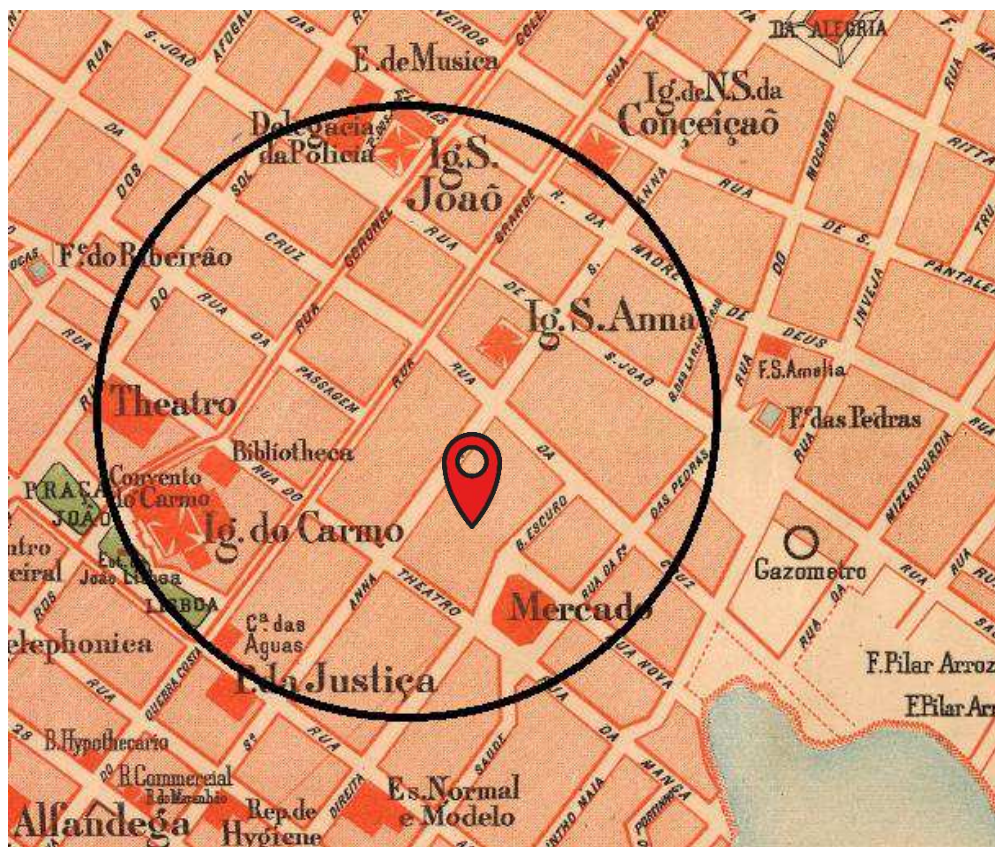
Fonte: Google Maps com edição feita pela autora (2019).

A construção também apresenta um pátio interno central típico das construções feitas na Nigéria e Benin, ademais, a moradia não possui forro, permitindo a visibilidade do madeiramento antigo com telhas coloniais. O início da casa pode datar em aproximadamente 150 anos, visto que o documento mais antigo é uma titulação do imóvel em 1874, no nome de Maria Jesuína (FERRETTI,1996). A Casa das Minas passou por dois lugares, como salienta Sérgio Ferretti:

As filhas atuais dizem que esta é a segunda casa, pois uma anterior funcionou à Rua de Sant'Ana, num terreno baixo entre a Rua da Cruz e a Godofredo Viana. Mãe Andresa quando ia assistir a missa da Igreja do Carmo, passando por ali mostrava diversas vezes a Dona Deni o lugar onde as mais velhas diziam que funcionara a primeira Casa. Não sabem por quanto tempo a casa funcionou ali. Tiveram que mudar, pois a cidade estava crescendo e, naquele tempo, ainda havia muitos sítios e terrenos vazios à Rua de São Pantaleão. Parece também que a primeira casa foi dirigida por, ou pertencia a um homem (FERRETTI, 1996, p.58).

Segundo a tradição e como foi contato por Mãe Andresa a D.Deni, a casa teria antes funcionado provisoriamente numa senzala à Rua de Sant'Ana, próximo de onde foi o Cine Éden, e um de seus donos era um homem (FICHTE, H. 1989, p. 77).

Figura 7 – Recorte com a suposição da localização da primeira Casa das Minas no mapa da Capital em 1912



Fonte: Brasiliana Fotográfica com edição feita pela autora (2019).

Os negros africanos jeje trazidos ao Estado foram os principais precursores na iniciação do terreiro, como Mãe Andresa relata para Nunes Pereira (1979, p.24, apud FERRETTI, 1996, p.58) “quem assentou a Casa foi “contrabando”, gente mina

jeje vinda da África, que trouxe o *comé* consigo”. Na tradução para o vocabulário brasileiro, “contrabando” vem ser os escravizados que eram trazidos depois do ano de 1831, que ficou conhecido como a época com a primeira ordem que impedia o tráfico de negros africanos, mas que infelizmente foi descumprida por duas décadas (FERRETTI,1996).

Figura 8 – Fachada da Casa das Minas



Fonte: [S.l.: s.n.], Acervo Digital (2017).

Costa Eduardo (1952, p.157, apud FERRETTI, 1996, p.22), trazia a possibilidade de que “A Casa das Minas teria sido fundada por membros da família real de *Abomey* vendidos como escravos para o Brasil no reinado de Adandozã (1797-1818).”

Figura 9 – Homens e Mulheres Daomeanos



Fonte: [S.l.: s.n.], medium (2018).

Atualmente o grupo presente na casa afirma que sua fundação foi feita por Mãe Maria Jesuína, africana, que teve sua participação na primeira edificação. Sérgio Ferretti se refere à história da local conforme estudos com os seguidores da religião:

Pode-se dizer que Maria Jesuína era a mesma *Nã Agotimé* que teria nascido na década de 1770, tendo menos de oitenta anos de idade em 1847, anos de aquisição do prédio atual. Se não foi a fundadora, *Nã Agotimé* teria sido a mãe-de-santo de Maria Jesuína. As filhas da Casa desconhecem o nome de *Nã Agotimé* e quase nada dizem sobre Maria Jesuína, pois as mais velhas não conversavam sobre a fundadora, cujo nome é um dos segredos perdidos na Casa (FERRETTI, 1996, p. 59).

O tambor de Mina constitui uma hereditariedade de família e isso é presente na Casa das Minas, mas apesar das pessoas que participam serem de rendas mais baixas, ela nunca foi uma crença democrática, pois só são aceitas pessoas com *vodum jeje*. O Templo tem sua utilidade também como moradia para aqueles que têm ligação diretamente às filhas-de-santo (FERRETTI, 1996).

3.3 O grau elevado

Segundo (FERRETI,1996), as filhas-de-santo passam por uma iniciação chamado de feitoria, em que ao participarem, começam a ser denominadas de *vodúnsis-gonjaís*, e recebem uma entidade infantil nomeada de *tobóssi*, ou menina. As últimas *gonjaís* morreram nos anos 70, e a partir disso, não se teve mais a iniciação.

Para Vivaldo da Costa Lima (1977, p. 68, apud FERRETTI, 1996, p. 62), O termo *barco* parece de origem fon, mas não deve ser traduzido - ou entendido - como sinônimo de embarcação ou navio, pela sua homofonia com o termo de linguagem - de - santo, embora assim pensam alguns...barco significa, aqui, o grupo da iniciação formado pelos aspirantes de um terreiro.

Aconteceram duas iniciações na Casa, sendo a final em dezembro de 1914, e outra duas décadas antes, pois deve-se existir uma pausa de até vinte anos entre um *barco* e outro. Nesse ano em questão foram iniciadas *gonjaís* como Mãe Andresa e Mão Leocádia. Cada mãe só pode ordenar um *barco*, e fica encarregado de dirigir umas das filhas com maior capacidade, nesse processo só deve entrar àquelas que já possuem responsabilidade, maiores que dezesseis ou dezoito anos, além de dançar há pelo menos dez anos no local (FERRETTI,1996). Ferretti faz a descrição do processo, como é citado a seguir:

Há remédios para os olhos, outros que se colocam na língua para não se falar demais, e para os ouvidos, e que devem ser dados logo no começo. As filhas ficam em repouso nos quartos da família de *voduns* a que pertencem, ou na Sala Grande. A Casa fica fechada só com as *vodúnsis* e as visitas são despachadas na porta. Há banhos especiais, que são tomados de madrugada. O sangue da pessoa não pinga na iniciação dos jejes não cortam e nem raspam o cabelo de ninguém. A chefe do grupo tem que ser uma *gonjaí* competente para botar a mão na cabeça das *vodúnsis*. É um trabalho muito cansativo e perigoso, pois passam vários dias no *comé* e tomam muitos remédios. As mães ficam no *comé* e as filhas na Sala Grande contígua, com a porta entre ambas abertas, e respondem aos cânticos. Dormem em esteiras no chão. Entram na feitoria as que têm idade e competência. Não há número determinado. As mães de cada lado da família indicam as *vodúnsis* de seu lado que serão iniciadas e elas só ficam sabendo na hora. A feitoria demorava cerca de quarenta dias e só podiam entrar pessoas absolutamente sãs (FERRETTI, 1996, pag. 64).

O barco *final* de 1914 teve dezoito *gonjaís*, o anterior a este ficou com nove, e ao todo tiveram trinta *gonjaís* contabilizando com as primeiras mulheres vindas da África que haviam sido iniciadas anteriormente ao ano de entrada no terreiro. Na última tentativa e mais recente *feitória*, aconteceram mudanças e falhas, visto que aumentaram a quantidade de fiéis selecionadas nos parâmetros de escolhas, e no grau destas pessoas. Dona Laurentina havia sonhado com um barco somente com doze *vodúnsis*, mas entraram dezoito nesse processo (FERRETTI,1996).

Figura 10 – Relação das Vodúnsis na última feitória.

³Relação das dezoito *vodúnsis gonjai* preparadas na última *feitória*, realizada em 1914, com os nomes de seus voduns:

<i>Vodúnsi</i>	<i>Vodum</i>	<i>Vodúnsi</i>	<i>Vodum</i>
1. Zulima	Doçu	10. Glória	Bedigá
2. Anéris	Agongono	11. Caetana	Toçá
3. Cecília	Doçupé	12. Emília	Azacá
4. Zila	Apojevó	13. Antônia	Decé
5. Teresa	Boçucó	14. Raimunda	Sepazim
6. Medúsia	Toçá	15. Filomena	Poliboji
7. Adalgisa	Agongone	16. Manoca	Daco
8. Felicidade	Poliboji	17. Chiquinha	Toçá
9. Almerinda	Liçá	18. Arcângela	Apojevó

Fonte: FERRETTI (1996).

Na época a matriarca do Templo se chamava Hosana, ela encarregou Dona Maria Quirina de comandar o *barco*, então além de fiéis acima da contagem permitida, ainda tinham pessoas muito novas que não possuíam anos de dança consideráveis. Houve também a exclusão de mulheres que já estavam preparadas para esse momento, e preferência de senhoras com mais posses (FERRETTI,1996).

Outro ponto que vale ser ressaltado, é que Dona Almerinda, também filha, foi selecionada, mas não poderia participar por ser um *vodum* mudo, logo a impossibilitaria de receber *tobóssi*. Falam que por conta desses erros várias *gonjaís* foram morrendo em um curto período. A *feitória* havia acontecido no final do ano, e no começo do ano seguinte, Maria Quirina que era chefe desse *barco* faleceu, e conseqüentemente em seguida aconteceram as mortes de outras (FERRETTI,1996).

Figura 11 – Vodúnsis com tobóssis após a última feitoria de gonjaís de 1914. Ao centro, Mãe Andresa.



Fonte: FERRETTI (1996).

3.4 Primeiras Matriarcas e suas histórias

Segundo relatos de Dona Amélia, o começo do Templo se deu por conta de três pessoas africanas que vinham do mesmo *barco*, ou popularmente chamados de iniciação, e trouxeram as “*pedras de assentamento*” que representavam essas divindades. Maria Jesuína participou da fundação da Casa juntamente com outras, mas após o seu falecimento, a chefia da casa foi passada para Mãe Luísa, que também tinha origem da África, e era irmã-de-santo de Maria. Ademais, a Mãe Luísa foi mãe-de-santo de Mãe Andresa e Mãe Leocádia (FERRETTI,1996).

Figura 12 – Relação do barco de Mãe Andresa e outras filhas

<i>Vodúnsi</i>	<i>Vodum</i>
1. Norberta	Bedigá
2. Virgilina	Boçucó
3. Antonina	Azacá
4. Teresa	Daco
5. Benedita	Lepón
6. Leocádia	Toçá
7. Cecília	Bedigá
8. Maria Quirina	Doçu
9. Francisca Adriana	Doçu
10. Maria do Carmo	Ajautó
11. Dadá (Andrezinha)	Borutói
12. Andresa	Poliboji

Fonte: FERRETTI (1996).

Depois de Mãe Luísa falecer, o Templo foi passado para Mãe Hosana, que era crioula, sem descendência africana como as chefes do passado, e filha de *nochê Sepazim*, dentro do seu processo na Casa, as filhas marcaram com realizações significativas a sua chefia, o exemplo inicial foi a ampliação do prédio, pois ela comprou a Casa vizinha que atualmente formam uma morada e meia. Ela também pediu que o pai de Dona Amélia cobrisse as *pedras de assentamento* na área do *comé*, construindo assim um degrau nas partes baixas das paredes, justamente por conta do medo das perseguições que aconteciam aos cultos africanos (FERRETTI,1996).

A última lembrança recorrente foi que Mãe Hosana preparou o *barco final*, e em 1914 foi realizada a *feitoria final* das *vodúnsi-gonjaí*. Nessa época Mãe Hosana morreu, e a liderança foi passada para Mãe Andresa durante quarenta anos. Sua história no terreiro começou desde a sua procura por tratamento, pois não possuía origem na Casa devido ao seu nascimento ter ocorrido em Caxias, ela era negra vinda de origem jeje e descendente de escravizados (FERRETTI,1996). Nas visitas a Casa, ela acabou recebendo seu *vodum*, foi *gonjaí* com 40 anos na *iniciação* anterior, juntamente com outras mães-de-santo, e teve nomes africanos, como cita Nunes Pereira (1979, p. 27, apud FERRETTI, 1996, p.67), “Andresa teve dois nomes africanos: o primeiro e mais conhecido era Roiançama, e o outro, dado após a feitoria, Rotopameraçuleme, como era chamada pelas *tobóssis*.”

Aconteciam muitas visitas à Mãe Andresa na Casa, e muitas dessas filhas eram de outros municípios do Estado. Nessa época o templo possuía enorme proporção de mantimentos que vinham dessas áreas e eram enviados por amigos, outro aspecto muito presente dessa época era o grande acúmulo de jóias que Mãe Andresa recebia por ter muitos seguidores de seu Senhor, mas posteriormente precisou vendê-las para pagar taxas do Templo (FERRETTI,1996).

Na sua chefia tinha muitas filhas, aconteciam várias festas e ela possuía muito entendimento da religião, nos anos que antecederam seu falecimento, ela recebeu vários pesquisadores no local, além de proporcionar identidade à Casa como afirma Nunes Pereira (1979, p.21-2, apud FERRETTI, 1996, p.73), “Diz que a alma africana da Casa das Minas se assemelha à alma daquela velhinha que a dirigiu, e que sua presença se descobria em numerosos detalhes da Casa, o que muitos afirmam até hoje.”

Nos anos finais de sua trajetória viva, Mãe Andresa ficou parálitica e faleceu supostamente aos 90 anos, no dia 20 de abril de 1954 (FERRETTI, 1996). Após vinte anos de sua morte, as últimas *vodúnsis-gonjaís* foram morrendo em seguida, impossibilitando assim a introdução de um novo *barco*.

Muitas dançantes foram para outros Estados do Sudeste procurando uma vida melhor, assim a quantidade de mulheres foi sendo reduzida não só por esse motivo, mas também por conta do falecimento das mais velhas e pela admissão mínima de novas fiéis na Casa, então consequentemente muitos ritos pararam de acontecer. Depois de Mãe Andresa, a liderança foi passada para Dona Leocádia, ela era a última irmã da *feitória*, então era a mais preparada. Leocádia tinha parentesco com dançantes e poderia ser descendente dos criadores do templo, além de nascer em Codó e possuir familiares na Casa. Assim que faleceu, Dona Filomena foi a última *gonjaí* que teve o comando do Espaço Sagrado, sua hierarquia durou por dois anos até seu falecimento (FERRETTI,1996).

Dona Amância compartilhou a liderança com Dona Filomena, pois ela já estava com idade muito avançada para desempenhar seu papel sozinha. Sua trajetória na Casa começou desde cedo, recebeu seu *vodum* pela época de 1910, e possuía cerca de 7 anos. Sua personalidade era muito forte, não queria ouvir opiniões, por isso acabou encontrando grandes problemas para comandar o espaço (FERRETTI,1996).

Figura 13 – Relação de chefes da Casa

Nome de Batismo e Nome Africano	Vodum	Período	Auxiliares
Mãe Maria Jesuina (Massecutô)	Zomadônu	(? - 1847 prédio)	?
Mãe Luiza Ferreira (Azuaci Sacorebabo)	Zomadônu	(? - 1905/10)	?
Mãe Hozana da Conceição (?)	Sepazim	(1905/10 - 1915)	Mãe Andresa
Mãe Andresa Maria de Souza Ramos (Roiançama; Rotopame-raçuleme)	Poliboji	(1915 - 1954)	Aneris; Zulima, Manoca
Mãe Leocádia Santos (?)	Toçá	(1954 - 1970)	Aneris (1962) Manoca (1967)
Mãe Filomena Maria de Jesus (?)	Poliboji	(1970 - 1972)	D. Amância
Dona Amância Evangelina de Jesus Vieira (Boçuroncoli)	Boça	(1972 - 1976)	D. Amélia
Dona Amélia Vieira Pinto (Gongeume)	Doçú	(1976 -)	Denis; Celeste

Fonte: FERRETTI (1996).

Em 1974 surgiu a chance de reestruturar o prédio do Cafuá das Mercês e as construções foram iniciadas, mas uma das ideias para adquirir utensílios para a futura coleção do lugar, era a visitação aos terreiros espalhados pela Capital. Chegando na Casa das Minas juntamente da Primeira-dama do Estado, houve a proposta de ganhar ajuda para o Templo, mediante entrega de utensílios para o Cafuá. Dona Amância imediatamente sem falar com as demais se comprometeu a doar roupas, instrumentos e colares, como expõe Ferretti (1996, p.80):

Em troca da ajuda recebida, Dona Amância doou ao Museu os seguintes objetos: toalha bordada de se receber vodum, camisa bordada, travesseiro de renda, lenço de homem, lenço de mulher, anágua, par de chinelos, suporte de cachimbo longo, bengala de dança, pulseira (*dalsa*) de coral, pulseira de búzios, manta de miçanga das *tobóssis*, rosário de culto, ferro (*gã*), vareta de madeira (*aguidave*), uma cabaça, um tambor grande, estrela de Salomão, pequena imagem de Cosme e Damião em madeira.

Um tempo se passou, e Dona Amância deu início de várias dores no corpo durante meses, passou muito mal, e faleceu com uma doença grave em 1976. Dessa forma a Casa iniciou uma chefia em grupo, Dona Amélia dançava e ficou responsável pela direção dos *voduns*, Dona Celeste com a parte Administrativa e Dona Deni encarregada de cuidar dos ritos e cânticos. A Dona Celeste fez um Estatuto da “Irmandade da Casa das Minas”, e nele havia a permissão de participação de pessoas conhecidas nesse meio religioso (FERRETTI,1996).

Atualmente a Casa conta com um número menor de filhas, pois não existiu uma estabilidade entre as mulheres que entraram e as que morreram nesse processo. As faixas etárias das que permanecem na Casa variam entre cinquenta e oitenta anos de idade, e não há uma preocupação entre elas para trazer outras pessoas. Contudo, apesar de não possuírem mais um número enorme de fiéis, as filhas se sentem honradas de fazer parte deste espaço que tem grande influência social (FERRETTI,1996).

Dizem sempre que são os *voduns* que escolhem as pessoas e que continuam encaminhando a outros terreiros pessoas que não possuem *vodum jeje*, que eventualmente procuraram a Casa ou recebem lá algum *vodum* de fora... reclamam que hoje, pessoas de outros terreiros, quando recebem alguém que possui *vodum jeje*, não as encaminham mais para a Casa das Minas, como antigamente (FERRETTI, 1996, p.84).

A Dona Celeste mantinha um relacionamento bom com várias autoridades e sempre buscava contatos para trazer melhorias ao Templo, além disso, em 1980 ela conseguiu que devolvessem alguns utensílios cedidos para o Cafuá. Na mesma fase, a Casa conseguiu auxílio do Governo para iniciar reparos, e nessa época deu-se início ao processo de mudança estrutural no templo, como a troca da madeira e telhas. Atualmente a Casa continua ampliando seu contato com órgãos para que exista a preservação de um Patrimônio Cultural e respeito aos elementos de sua tradição (FERRETTI,1996).

3.5 A teogonia explicada

A crença sempre passou por aspectos não comentados em relação às divindades. É um costume o sigilo ao retratar esses assuntos, especialmente os que agregam temas sobre a divindade que protege cada pessoa (FERRETTI, 1996). Esse mistério acerca do ritual é mostrado por Euclides, que é chefe da Casa de Fanti-Ashanti:

No Maranhão vigora o antigo costume de o pessoal dos terreiros não dizer o nome das divindades. Muitas vezes dizem apenas o apelido. No antigo terreiro do Egito, a divindade equivalente a Oxalá era conhecida como Rei dos Mestres. Na Casa de Nagô, até hoje muitas divindades são conhecidas apenas por apelidos, como Pedrinho ou Joãozinho (FERRETTI, 1996, p. 89).

Dona Celeste afirmava que as *gonjaís* anteriores tinham conversas em linguagem jeje com os *voduns*, e as pessoas não tinham entendimento de nada. Sendo assim, as filhas tiveram pouca familiaridade e contato com as já falecidas, e vários assuntos não se possui entendimento, para Ferreti (1996, p. 89), “Dona Joana também dizia, por exemplo, que entendia o significado dos cânticos, pois as mais velhas lhe explicaram, mas é segredo e ela não podia revelar.”

A proteção e sigilos do culto eram costumes de vários terreiros de Mina no Estado, e na Casa das Minas, Mãe Anéris sempre se referia aos *voduns* como *sombra*, além de serem chamados de *brancos*. Com todo o mistério, várias coisas não foram esclarecidas para as fiéis mais recentes, e após o falecimento das mais velhas, os segredos foram desaparecendo, e conseqüentemente com o conhecimento total sobre essa temática religiosa afro-maranhense (FERRETTI, 1996).

Na visão atual da Casa, pelo que se pode perceber principalmente através do discurso de Dona Deni, de Dona Celeste e dos *voduns*, acredita-se que, acima de tudo, há um Deus Superior, a que chamam *Avievodum*, ou *Eviovodum*, identificado com o Divino Espírito Santo da Doutrina Católica. Uma senhora da Casa explicava a uma menina na saída da missa do domingo de Pentecostes, antes da procissão do Divino, que “o Divino é o primeiro Deus, foi ele que criou Jesus”. Deni diz que em primeiro lugar há o Deus Pai, que é o Criador de todos. A esse respeito a doutrina da Casa encontra-se em acordo com o Catolicismo dominante na sociedade envolvente (FERRETTI, 1996, p. 90).

3.5.1 O que seriam os Voduns

“Dona Deni diz que é muito difícil chegar-se até Deus. Tudo depende Dele através dos *voduns*. Depois de Deus vêm os santos da Igreja Católica, que são os verdadeiros santos, já estão purificados e não pedem nada.” (FERRETTI, 1996, p.91). As histórias repassadas, dizem os santos não são baixados, então há uma necessidade de interceder por meio dos guias, então os *voduns* iniciam os seus pedidos, e os santos mandam (FERRETTI,1996).

“Dona Celeste e Dona Deni dizem que na Casa das Minas não se dá ordem aos *voduns*. Pede-se alguma coisa e eles dizem “vou ver se *Evovodum* quer”. Se der certo eles mandam agradecer a *Evovodum*.” (FERRETTI, 1996, p.92). Os *voduns* ajudam aqueles que estão necessitados em manifestações, porém não se é permitido mandar neles, ou trazer oferendas. Se os problemas forem naturais, a interferência dos *voduns* não poderá ser exercida, mas se for por perturbação, eles podem agir, pois eles precisam das pessoas e faz parte da missão obrigatória (FERRETTI,1996).

“Os *voduns* não estão acima dos santos, pois baixam em qualquer médium, e os santos não baixam.” (FERRETTI, 1996, p.92). Onde houver festividades, as divindades estarão cantando, brincando e dançando, ou seja, a ligação com as pessoas é sempre melhor dessa maneira. O tambor e a música sempre invocam os *voduns*, porém eles só aparecem se quiserem e praticam o que anseiam, sendo costume surgirem geralmente quando se começa a parte do toque e alguns antes desse momento, pois os anfitriões das festas sempre vêm primeiramente (FERRETTI,1996).

A mitologia presente na Casa é influenciada pela igreja Católica e pelos princípios do Espiritismo. Todo *vodum* individualmente é devoto de algum santo, e cuidam de itens da natureza, como as águas, os ventos, plantas e doenças (FERRETTI,1996). “Diz-se que *Averequete* adora São Benedito, mas se conhece mais a vida de São Benedito do que a de *Averequete*. Mesmo assim elas continuam devotas tanto de São Benedito quanto de *Averequete*. Ambos são importantes, mas *Averequete* encontra-se mais próximo, pois se comunica diretamente com elas quando em transe.” (FERRETTI, 1996, p.129).

Na possessão a divindade não vem de forma repentina, ela vai se aproximando com calma e a manifestação acontece de forma rápida e somente nas filhas. Um dos pontos que diferenciam a Casa de outras, é que os médiuns não possuem condição de possuir *voduns a mais*, mas esse *vodum* pode possuir muitas filhas e baixar ao mesmo tempo. Quando os rituais são finalizados, os *voduns* seguem até a Sala Grande para conversar, mas jamais se deitam nas redes do templo, e não possuem necessidades de comer, beber ou até dormir, e se alguém pedir coisas ruins para o *vodum*, irá receber em dobro a solicitação para si (FERRETTI,1996). Os *voduns* representam o masculino e feminino, e são nomeados de *tói* e *nochê* respectivamente, além de pertencerem a famílias, como afirma Ferretti (1996, p.94):

Os *voduns* de cada grupo ou família têm suas características. Os de Quevioçô são quase todos mudos, exceto os dois mais novos. Eles curam com passes e preces. Os de Dambirá curam com raízes e remédios. Os *voduns* de Quevioçô são das águas e dos astros: *Badé* protege contra o raio ou corisco, *Loco* acalma as tempestades, *Liçá* representa o sol, *Averequete* é a estrela-guia, *Abé* é a sereia, *Nanã* representa os pântanos. Os de Dambirá são *voduns* da terra, combatem as doenças e a peste. Entre eles, *Boçucó* se transforma em serpente. Os *voduns* de Davice são os da família real: *Naé* representa a paz, *Dadarrô* o governo, *Sepazim* é a imperatriz, *Doçu* é poeta e tocador, *Bedigá* é o advogado e o que herdou a coroa.

Os *Toquéns* são jovens e fazem parte um grupo denominado de *toquéns* ou *toquenos*. São vistos como ajudantes ou guias que vêm no início e convocam os outros, todos possuem cerca de 15 anos de idade e são do sexo masculino ou feminino, além de alguns serem meios-irmãos, ou seja, filhos com paternidade igual, mas com mães desiguais (FERRETTI,1996).

As *tobóssis* são as divindades infantis compostas por mulheres, e somente as *vodúnsis-gonjaí* que haviam participado do procedimento de *feitória* as recebiam, mas por conta do falecimento das últimas *gonjaís*, as *tobóssis* passaram a não ser recebidas. Era uma divindade que brincava como criança e falava em idioma africano, porém o entendimento era difícil, pois falavam muitas palavras de forma incompleta. Cada *tobóssi* vinha unicamente em uma *gonjaí*, e quando ela vinha ao falecimento, a *tobóssi* não retornava, pois seu propósito já havia sido alcançado. Esses espíritos são mais elevados, porém não mais importantes. Eles dão maior permissão na ligação

direta feita no corpo das *vodúnsis*, e o nível hierárquico só aumenta quando a *gonjai* passa a receber *tobóssi* (FERRETTI,1996).

Figura 14 – Vodúnsis na Casa das Minas.



Fonte: IPHAN (2001).

3.5.2 Divisão das famílias

As divindades alcançam cerca de 60, e incluem os *voduns* e *toquenos*, além das *tobóssis*. A divisão delas se dá por três panteões, ou famílias, a exemplo temos: as de Davice, as de Dambirá, Quevioçô, e as secundárias, também chamadas de Savaluno e *Aladá* que se formam como clãs e se estabelecem em espaços divididos do Templo (FERRETTI,1996).

A família de Davice é uma família real e seus voduns são da realeza. A Casa tem a designação de jeje de *Querebentã* justamente pelo título significar o palácio da população de Davice que chegou primeiramente aqui e originou a Casa, e várias dessas divindades fazem parte da linhagem de *Abomey* (FERRETTI,1996).

A segunda família é de *Savaluno*, como afirma Costa Eduardo (1948, p. 76, apud FERRETTI, 1996, p. 111), “*Savaluno* é o nome da parte norte do antigo Daomé, o país Mahi, onde surgiu a adoração dos *tohossu*, os espíritos dos filhos dos reis nascidos anormais, chefiados por *Zomadônu*”. *Savaluno* vem ser o amigo do povo que veio de Davice, e amigo de *Zomadônu*, mas não são jeje (FERRETTI,1996).

Dizem também que o povo de Savaluno foi destituído de seu território e ficou morando com os jeje. A maioria morreu quando eles perderam o trono e só ficaram quatro, que foram agasalhados por *Zomadônu*. Eles chegaram aqui depois da Casa fundada, são hóspedes, moram no quarto do corredor da cozinha depois de *Zomadônu*, e são incluídos na família de Davice. (FERRETTI, 1996, p. 111).

A linhagem de *Dambirá* é liderada por *Acóssi Sapatá*, ele representa um curador que conhece as medicações para as doenças em sua totalidade, o termo *Dambirá* vem da moradia dele, formado por pobres poderosos que combatem enfermidades. “O reinado deles é uma casa de sapê. Dizem que antigamente na Casa o cordão de *Dambirá* era o maior, com mais de vinte filhas.” (FERRETTI, 1996, p. 114). A família é grande e não possui mãe, então alguns têm proximidade com o reino de Davice, outros foram em busca do mundo, e o restante ficou doente (FERRETTI,1996).

A última família é a de *Quevioçô* e *Ajautó de Aladânu*, se constitui de formação nagô e *voduns* com controle sobre as chuvas, trovões e lutam contra as tempestades. Grande parte dos componentes dessa família são mudos e não revelam os mistérios dos nagôs. A família é grandiosa, mas somente a mãe a alguns desses filhos foram para a Casa e ficaram hóspedes de *Zomadônu*. “*Averequete e Abé* são os mais novos que representam os mais velhos. São os únicos que falam e fazem os papéis de *toquéns*. Os outros se comunicam por sinais” (FERRETTI, 1996, p. 120).

A vinda deles surgiu na origem do Templo, pois todo terreiro ao ser iniciado, precisa contemplar as quatro partes da missão, que incluem a água, os astros, o ar, a terra e o fogo, e como os *voduns* possuem a particularidade de serem mudos, as *vodúnsis* não podem obter o grau de *tobóssis* e nem serem *gonjaís*, justamente pela preparação exigir outra forma. As famílias possuem cantigas diferenciadas entre si, sendo assim, as desta linhagem são cantaroladas com divindades dançando em rodas, e na direção contrária aos indicadores do relógio, são os últimos que recebem as divindades, além de saírem das danças ao final. Seus aposentos são dois quartos no princípio da edificação, nomeados de *Badé e Tói Liça* respectivamente (FERRETTI, 1996).

Figura 15 – Número de divindades conhecidas na Casa das Minas

<i>Categorias/Famílias</i>	<i>Davice</i>	<i>Savaluno</i>	<i>Dambirá</i>	<i>Quevioçô/Aladá</i>	<i>Total</i>
Voduns: Masculinos	7	3	11	6	27
Femininos	4	–	2	5	11
Toquens: Masculinos	7	1	–	1	9
Femininos	2	–	–	–	2
Tobossis: Femininos	7	2	4	3	16
Totais	27	6	17	15	65

Fonte: FERRETTI (1996).

É natural que exista neste Terreiro a linhagem de sangue e a de santo, sendo assim, famílias biológicas podem pertencer a qualquer *vodum* de grupos da Casa (FERRETTI,1996).

Dona Deni lembra que o *vodum* depende da mediunidade e não tem nada a ver com o parentesco. Seu *vodum* é da família de Dambirá, do panteon da Terra, e o *vodum* de Dona Rita, sua mãe, era da família real de Davice. Assim, na Casa das Minas, o parentesco de santo não se relaciona diretamente com o parentesco biológico, embora haja relação entre ambos.(FERRETTI, 1996, p. 251)

A ligação biológica é condizente ao círculo em que a pessoa nasce, já a linhagem de santo remete ao grupo de ritual no qual ela faz participação. Na Casa das Minas a ligação religiosa possui duas características: Primeiramente as filhas-de-santo são consideradas irmãs-de-santo como nos outros Templos, e após isso, as divindades são agrupadas em famílias (FERRETTI,1996).

Figura 16 – Relação de vodúnsis gonjaís da Casa com nomes de seus voduns e tobóssis

1. Família de Davice:				
Vodunsi	Vodum	Nunes Pereira	Costa Eduardo	Danças
Zila	Apojevó	Dagébe	Adagebe	Adagebe
Manoca	Daco	Agon	–	Agon
Leocádia	Toçá	Trôtrôbe	Torotoro	Trotobe
Cecilia	Doçupé	Revive	–	Revive
Zulima	Doçú	–	Afovive	Afovive
Firmina	Jogoroboçú	Nanonbebe	–	–
Medúsia	Tocé	–	Asodovi	--

2. Família de Savaluno:				
Vodunsi	Vodum	Nunes Pereira	Costa Eduardo	Danças
Adalgisa	Agongone	Açonlevive	–	Sonlevive
Aneris	Agongone	Omacuibe	Homahuibe	Homacuibe ou Homaclibe

3. Família de Dambirá:				
Vodunsi	Vodum	Nunes Pereira	Costa Eduardo	Danças
Andresa	Poliboji	Açoabebe	Asanhabebe	Açoabebe
Filomena	Poliboji	Sandolêbê	Sandolebe	Sandolebe
Teresa	Boçucó	Ulólôbe	–	Ulolebe
Chiquinha	Boça	Sanlévive	–	Sanlevivi
Felicidade	Poliboji	–	–	–

4. Família de Quevioçô e Aladanu:				
Vodunsi	Vodum	Nunes Pereira	Costa Eduardo	Danças
Almerinda	Liçá	Agamavi	–	Agamavi
Vita	Abé	–	Asadolebe	–
–	Ajautó	–	Whweobe	–

Fonte: FERRETTI (1996)

Os terreiros sempre se organizam conforme um líder que congrega muitos familiares e outros indivíduos que levam seus parentes. Sendo assim, desde cedo as crianças vão possuindo conhecimento da crença, Ferretti (1996, p.252) explica:

É provável que as casas antigas tenham igualmente surgido dessa forma, reunindo pessoas originárias de uma região da África, as quais conheciam o mesmo idioma e adoravam divindades comuns, entre as quais incluíram seus descendentes. Constata-se atualmente que muitas dançantes e tocadores da Casa das Minas são aparentados entre si, descendendo de alguns grupos familiares.

Grande parte dos participantes são da Capital, ou de outros municípios. São descendentes de avós ou bisavós que foram escravizadas e carregavam *vodum* (FERRETTI,1996).

3.5.3 As Festas e suas separações

As festas de costume que acontecem na Casa das Minas, apresentam a parte pública e privada, a primeira parte é aberta para os convidados, e a privada participam somente pessoas selecionadas. A primeira característica da festa para os visitantes é a ocupação por danças, seguido por buscas aos *voduns*, geralmente acontecem á noite com um início de ladainhas, entrega de comidas e encerramento meia-noite. A festa privativa traz a matança de animais para a preparação de alimentação e invoca as divindades, esse momento se divide em quatro fases: *Zandró*, *Narrunó*, *Jonu* e *Nadopé* (FERRETTI,1996).

Figura 17 – Grupo de Noviches ao lado da nochê Andresa- Festa de Pagamento



Fonte: [S.l.: s.n.], Acervo Digital (2017).

A parte chamada de *Zandró* significa invocação, “É o começo de uma festa grande prevenindo e chamando os *voduns*.” (FERRETTI, 1996, p. 134). Tem duração de no mínimo três dias e geralmente acontecem matanças de animais. Seu horário é específico do turno da tarde, nela cozinham o *abobó* como oferecimento juntamente aos cânticos, e só acontecem as participações dos iniciados, outro ponto é que as filhas se acomodam no chão enquanto cantarolam por cerca de trinta minutos (FERRETTI, 1996).

As festas se iniciam, portanto, com a chegada dos *voduns* que vêm iniciar o *Zandró*, chamando os companheiros. O *vodum* que irá fazer o sacrifício começa os cânticos chamando os companheiros. O *vodum* que irá fazer o sacrifício começa os cânticos chamando os outros. No *zandró* se faz a limpeza das pessoas e dos animais que irão entrar na matança. Uma filha-de-santo fica cantando no *comé*, e outras dão a resposta na Sala Grande, ficando aberta a porta entre ambas (FERRETTI, 1996, p. 134).

O *zandró* vem ser a invocação, nela acontece o oferecimento do *abobó* para trazer os *voduns*. Logo, sempre é necessária a utilização de alimentação nesse ritual (FERRETTI, 1996).

A próxima parte realiza a matança, se chama *Narrunó*, e vem do dialeto jeje. Geralmente esta parte acontece de madrugada, traz a matança de animais em sacrifício para as divindades, e tem a introdução de iniciados. Sempre é começada pelas canções para *Zomadônu*, e posteriormente para os *toquéns* (FERRETTI, 1996).

No *comé* da Casa das Minas também não se separa a cabeça do corpo. Os animais são sacrificados aos poucos, sendo virados em certos lugares. Colocam-se as folhas da cajazeira no chão e a matança é realizada no *pêndome*, ou altar de Naé. Segue-se uma espécie de dança dos *voduns* com o animal sacrificado. Após o oferecimento do sangue dos animais, a carne é cozida e preparam-se alimentos que, depois de frios, devem ficar algumas horas expostos no *comé*, para serem posteriormente distribuídos aos participantes do culto. As cabeças dos animais sacrificados, como em outros terreiros, ficam guardadas por certo tempo, num alguardar próprio, no *comé*, até o dia da limpeza anual, quando são despachadas (FERRETTI, 1996, p. 136).

A parte do agradecimento fica por conta do *Jonu* ou *Jôlu*, e quer dizer uma repetição de um rito secreto feito em alguma festa. É realizado de dois dias a uma semana depois da festividade, sem a introdução dos tambores, nele só entram os

iniciados, e mesmo que os *voduns* não estejam presentes, acontecem as matanças para agradecer (FERRETTI,1996).

Por último acontece o encerramento, chamado também de *Nadopé*, ou despedida. Ela acontece para os *voduns* seguirem seus caminhos, e tem a participação dos iniciados e *assíssis*. É interessante ressaltar que as festividades acontecem durante três dias, com a parte do *Jonu e Nadopé*, para assim começar outra (FERRETTI,1996).

De manhã, tira-se tudo para limpar e guardar. Antes comem-se ritualmente as sobras das oferendas e todas as vasilhas são lavadas. Os participantes repetem frases em jeje e recebem da *vodúnsi* que dirige o ritual “bolos” de palmatória nas mãos, seguidos de exortação. Na saída, os participantes tomam ao pé da cajazeira, um *banho* de limpeza ou purificação (FERRETTI, 1996, p. 137).

3.5.4 Rituais Festivos

São eventos míticos em que acontece muito tempo de toque e o costume da matança de animais. É tradição dos terreiros manter esse ritual de *obrigação* por três dias, e acontecer a vinda das divindades quando os tambores são tocados. Pelo menos uma vez ao ano ou duas, acontecem autênticas festas com duração entre sete e treze dias, podendo durar mais tempo, no qual acontecem o recebimento dessas entidades (FERRETTI,1996).

Os participantes deste terreiro se declaram católicos e preservam essa religião, conservam altares com a imagem dos santos, e o nomeiam como “vulto”. As festividades principais acontecem nas vésperas, no dia oficial do santo, e na data seguinte, isso acontece porque a comemoração antes e no dia do santo é princípio da religião católica, e o dia seguinte é geralmente chamado de “lava-pratos” (FERRETTI,1996).

São realizadas 10 festas grandiosas ao ano, parte delas duram somente um dia, como a celebração dos *voduns*, outras duram três dias, chamadas de festas de *obrigação*, a festa do Divino permanece acontecendo por quase uma semana. As destinadas para celebração ao aniversário das divindades acontecem exatamente nos dias dos santos que estes *voduns* possuem devoção, já as de *obrigação* são aquelas em que aparecem os *voduns* em torno de três dias, chegando a todo instante durante o ritual (FERRETTI,1996). A Casa apresenta um calendário de festas como pode-se ver abaixo:

Figura 18 – Calendário de Festas da Casa

Meses	Dias	Nome da Festa	Correspondente	Motivo
Dez.	(3); 4; (5) (24); 25; (26) (31)	Nochê Sobô Nochê Naé Toquens	Santa Bárbara Natal ---	Abertura do ano litúrgico Presépio, Sinha Velha Aniversário
Jan.	01; (02) (05); 06; (07) 19 20;21	Zomadónu Doçu Toi Acossi Aznee; Azili	Ano Novo Reis S. Lázaro S. Sebastião/S. Roque	Pagamento Aniversário Palinhas Jantar dos Cachorros
Fev.	Móvel Móvel	Torração Arrambam	Sem. Carnaval 4ª feira de cinzas	Preparo de Oferendas Levantamento da Carga
Mar.	Quaresma	---	---	---
Abr.	Móvel	Nanã	Sábado de Aleluia	Arreada da Carga
Maio	Móvel	Cico da festa do Divino Nochê Sepazin	1º ou 2º dom. Páscoa 3º ou 4º dom. Páscoa 4ª feira vesp. Ascensão Domingo do meio Domingo Pentecostes 2ª feira Pentecostes 3ª feira Pentecostes	Abertura da Tribuna Buscamento do Mastro Levantamento do Mastro Visita dos impérios Dia da Festa do Divino Derruba de Mastro Carimbó, Encerramento
Jun.	(11); 12; (13) (23); 24; (25) (28); 29; (30)	Poliboji Nochê Naé Badé	Santo Antônio São João São Pedro/São Marçal	Aniversário Festa das Gonjais Aniversário
Jul.	Móvel	(Tambor de Choro)	---	Despacho de Defunto
Ago.	2º Domingo	Avcrequete	São Benedito	Aniversário
Set.	27	Toçá; Tocé	São Cosme e Damião	Festa das Crianças
Out.	---	---	---	---
Nov.	---	---	---	---

FONTE: Informações das atuais filhas-de-santo
 CONVENÇÕES: --- época sem festas; x não tem sido realizada e () nem sempre se comemora

Fonte: FERRETTI (1996).

3.5.5 Características dos Rituais

As canções, as danças e os instrumentos são presentes nas cerimônias da Casa das Minas, e constituem grande importância para os seguidores e visitantes do templo. As cantigas são na linguagem jeje, em certas ocasiões pode se intercalar com o português e sempre trazem um importante papel nos rituais de tambor. Essas toadas aproximam-se de mil ao todo, e para cada *tipo de obrigação*, existe uma melodia própria designada para dar significância a essa fase da cerimônia (FERRETTI,1996).

Existem cânticos usados na apresentação dos *voduns*, em que falam algo característico deles, como de onde veio, ou algo que pratica, existem também as canções voltados às matanças de animais, no qual traz a alusão ao sangue, e não é cantado no período da quaresma. Há toadas também que são pesadas e trazem referências ao falecimento, não podendo ser proferida em nenhum instante (FERRETTI,1996). É importante ter entendimento do conceito das melodias para possuir conseqüentemente o conhecimento da prática, como Ferretti (1996, p.185) mostra a seguir:

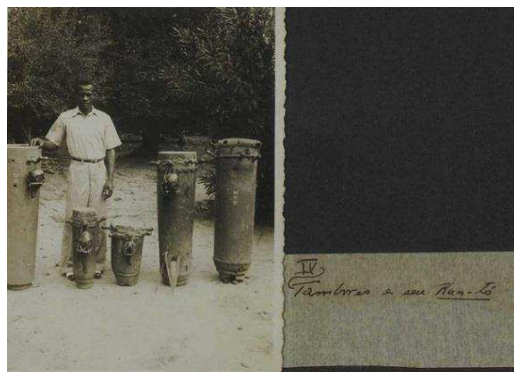
No tambor de mina, os cânticos caracterizam-se pela emissão de um motivo por um(a) solista e sua repetição salmódica em coro pelos demais, acompanhados dos instrumentos. Alguns se revezam entoando os cânticos, que são repetidos pelo grupo. A estrutura musical permite, assim, a participação coletiva do grupo, e o destaque dos indivíduos e dos cânticos constitui uma das originalidades da Casa, pois a grande maioria deles não é conhecida em outros terreiros. Antes do início dos toques, canta-se geralmente uma ladainha, que costuma ser acompanhada por orquestra com instrumentos de sopro e corda, para isso contratada. A ladainha é cantada em latim e seguida por cânticos devocionais em louvor ao santo festejado. A ladainha católica continua com a ladainha dos *voduns*, constituída de cerca de uma dezena de cânticos por eles entoados em jeje, de pé diante do altar católico. Tais cânticos, acompanhados de movimentos dos braços e da parte superior do corpo, são em louvor a Deus e aos santos da Igreja, e se continua invocando os *voduns*, mandando preparar os tocadores, os *voduns* saudando-se uns aos outros e, finalmente, *Doçu* chamando todos os companheiros para irem dançar na *guma* ou varanda, para onde se dirigem cantando e dançando, já ao som dos tambores.

Na área da varanda os cânticos sempre variam, pois estão de acordo com a divindade celebrada, todos os *voduns* gostam das danças e cumprem suas funções por meio delas, as danças gestuais também têm sua relevância, alguns têm seu ritmo mais lento, outros vêm mais rápido, mas ainda assim tem sua expressão (FERRETTI,1996). Vale ressaltar que os grupos de *voduns* têm seus ritmos e danças distintos como pode-se ver a seguir:

Os toquéns dançam como se estivessem brincando, correndo de um lado para o outro, dando voltas pela varanda e chamando os mais velhos. Os *voduns* da família de Davice, que são nobres, cantam e dançam de forma solene. Quando cantam para os de Quevioçô, que representa os raios e as tempestades, os *voduns* dançam em roda e com grande agitação. Os *voduns* que estão sendo saudados dançam sempre na frente, bem próximos aos tambores. As danças de Dambirá são também em roda ou vai-e-vem, embora mais lentas. (FERRETTI, 1996, p. 186-187).

Os instrumentos usados nesses momentos são três tambores e quatro cabaças de ferro. Segundo Costa Eduardo (1948, p.87, apud FERRETTI, 1996, p. 188), “Os instrumentos recebem nomes africanos, os tambores são chamados de *hum*, o grande, *huntó*, o pequeno, e *humpli*, o do meio”. Estes tambores têm seu material todo em madeira, a extremidade é formada pelo revestimento de couro, e base torneada. A afinação deles também é feita para melhoramento do som, eles utilizam torniquete e martelo, além de serem tocadas geralmente por homens com a ajuda das mãos ou pedaços de galhos de árvores de goiaba (FERRETTI,1996).

Figura 19 – Tambores usados nas cerimônias.



Fonte: [S.l.: s.n.], Acervo Digital (2017).

Em meio aos rituais, a filhas sempre usam vestimentas importantes para compor a simbologia presente nesses momentos de entrada das divindades, ou seja, em instantes de transe (FERRETTI,1996).

Nos dias de festa, quando os *voduns* chegam, dirigem-se ao comé, para saudar os assentamentos com palmas e cânticos. Depois cada *vodum* vai para a parte da Casa que pertence à sua família e escolhe as roupas que quer usar, saindo já vestido. As filhas contam que às vezes preparam roupas novas para uma festa, mas eles usam as antigas e emprestam as novas para outras filhas (FERRETTI, 1996, p. 190).

As cores são como representações nas festas, então cada divindade possui a sua, as mais importantes são as cores vermelha, azul, branca e estampada. Quando acontecem as festas, elas usam saias compridas de cetim e sandálias de pelica de mesma cor, além de utilizarem blusas brancas e toalhas que são colocadas por cima da saia quando recebem *voduns*. As toalhas são elementos fundamentais de conhecimento do culto, pois existem diferenciações representadas pelo sexo e a faixa etária dos *voduns*. Quando o *vodum* é novo, a toalha passa a ser utilizada na cintura, mas quando é mais velho, a toalha é amarrada abaixo dos ombros e acima dos seios (FERRETTI,1996).

Figura 20 – Festa de Badé.



Fonte: IPHAN (2001).

A configuração de prender essas toalhas também é determinada pelo sexo, se o *vodum* for masculino, a vestimenta vai ser dobrada e colocada na área da cintura, e se for do sexo feminino, ela vai ser amarrada com ajuda de um nó. Outra característica é a utilização de um lenço de mesma tonalidade da saia amarrado no ombro se o *vodum* for antigo, e se for novo, vai ter o amarrado na parte da cintura. Uma outra peculiaridade é o uso de um lenço na mão para quando suar, além de um leque, ademais quando o *vodum* for do sexo masculino, o penteado utilizado vai ser o cabelo todo para trás, mas quando for feminino, o cabelo vai cobrir as orelhas (FERRETTI,1996).

Figura 21 – Festa Acóssi.



Fonte: IPHAN (2001).

Quando acontecem as danças, os *voduns* gostam de utilizar perfumes, além de jóias e braceletes. As filhas gostam de se preparar e usar longos rosários pendurados no pescoço juntamente com medalhas, figas e outros tipos de enfeites. Cada filha recebe um rosário com a simbologia do seu *vodum*, e o rosário vai ser do *vodum*, não da filha, por isso quando alguém vem a falecer, o rosário fica guardado para ter seu uso novamente em outra mulher que receber esse mesmo *vodum*. As miçangas utilizadas nos rosários têm a predominância marrom, chamada de *gonjeva* ou *honjeva* por ser a identidade dos jejes, mas existe presença também de outros tons, como verde, amarelo, vermelho, transparente, azul escuro, branco e azul vivo, a cor vai depender da família no qual pertence (FERRETTI,1996).

Em todo ritual nos terreiros são oferecidos sacrifícios de animais em exaltação às divindades, nesse costume matam-se prioritariamente aves para preparar alimentos que são dispostos no *comé*, onde são purificados e posteriormente distribuídos entre os filhos. Os alimentos mais feitos para as celebrações são *sussume*, com a base de carne de bode e cozinhado nas folhas do pé de banana, o *ressau* é parecido com o sarapatel, preparado por tocadores, e feito com sangue de bode, além de *cariru*, uma comida da nação jeje, o *acarajé*, entre outros, que geralmente apresentam uma significação com os elementos utilizados para fazer os pratos, como Ferretti (1996, p.196) cita:

As comidas de santo são preparadas por métodos tradicionais. Cozinha-se em caldeirões de ferro ou alumínio, colocados sobre três grandes pedras no chão, chamadas tacuruba, ou trempe, entre as quais se coloca lenha. O chão da cozinha tem que ser de terra batida. Não se usa fogão a gás, liquidificador e outros aparelhos modernos. Muitos ingredientes são socados em pilão de madeira ou pedra.

Nos dias em que acontecem os toques, é oferecido um jantar anteriormente a este ritual, e após são servidos doces, refrigerantes, uma mesa de bolo para os visitantes, e nos períodos entre um toque e outro, são distribuídos copos de mingau. As bebidas também são diversas, variam entre refrescos fermentados como o *furá* ou *aluá*, além de licores e bebidas com gengibre. Existem alguns alimentos que são banidos dos rituais, como o caranguejo, carneiro, jaboti e sarnambi. Cada família apresenta uma restrição, os de *Quevioçô* não se alimentam de peixe pirapema, só comem pombo na época de São Sebastião, só ingerem gergelim entre os meses de

setembro e abril, além de não comerem arraia, pacamão, cação, e carnes, que são restritas em dia de tambor de choro (FERRETTI,1996). Existem várias outras restrições relacionadas ao culto, como pode-se ver a seguir:

Nos períodos de festa, as filhas e tocadores têm que se abster de ter relações sexuais. Uma mulher menstruada não pode participar das festas nem receber seu vodum. Existem outras proibições, muitas relacionadas com a alimentação, constituindo verdadeira etiqueta ritual. Assim, por exemplo, as comidas de obrigação só se comem com as mãos; não se pode comer em panelas que vão ao fogo e não se põe à mesa, para servir, a panela que vai ao fogo. Não se pode comer com a mesa descoberta: deve haver sempre um pano ou toalha debaixo do prato. Não se come com o prato na mão, mas à mesa. Não se passa com água- *agô*- por trás de uma pessoa, e quando isso se faz, tem-se que pedir licença. Não se passa por baixo de uma escada ou por baixo da rede (FERRETTI, 1996, p. 198).

Existem muitas histórias de fiéis que sofreram consequências por não exercerem os deveres impostos. Segundo relatos no livro de FERRETTI (1996, p.198), “Dona Basílica não acreditava nessas regras, comeu caranguejo e quase ficou cega, Dona Carmelita bebia muito e foi castigada enquanto carregava seu *vodum*, batendo sua cabeça muito forte no banco várias vezes.” A água dos rituais também apresenta grande importância devido seu significado, ela é armazenada no *comé*, é usada para banhar, beber e fazer remédios, antigamente era retirada da Fonte do Bispo, e posteriormente começou a ser da torneira (FERRETTI,1996).

Em toda cerimônia é costume acontecer *banhos*, eles são feitos geralmente de ervas e águas que são armazenadas no *comé*. O *banho* acontece no princípio, ou seja, antes de iniciar as festas, é utilizado para purificação, e o segundo é usado para retornar com o espírito preparado. Esse ritual é usado tanto pelas dançantes, quanto os tocadores, e são distribuídos também para os amigos, que os ganham em garrafas. Os *banhos* ficam guardados em uma bacia no altar de Nanã, para usar em partes do corpo. Quem dança há mais tempo recebe uma garrafa com álcool e ervas para passar em áreas do corpo quando sentir que é preciso, e existe sempre uma garrafa de *banho* para as *vodúnsis* usarem antes de entrar no templo (FERRETTI,1996).

As *garrafadas* de remédio também são existentes na Casa, e são usadas para várias doenças, elas são preparadas com álcool, plantas e outros ingredientes. Geralmente nas celebrações é normal que as filhas ensinem remédios e garrafadas,

além de permitirem procura aos *voduns* no que diz respeito aos problemas, como são demonstrados por Ferretti (1996, p.204):

Nesse caso, leva-se uma vela com o nome e endereço da pessoa. A filha acende a vela no *comé*, se concentra e pede pra ver o que é. À luz da vela o *vodum* costuma revelar a doença e o tratamento que se lhe pode dar. As filhas que são videntes fazem consultas aos *voduns* por meio da vela. Outras interpretam vidências e sonhos. Algumas costumam jogar cartas de baralho, mas nem todas têm confiança nesse jogo.

Hoje em dia várias plantas usadas nos *banhos* precisam serem compradas por não existirem mais na casa, entretanto o quintal é grande e ainda possui muitas plantas importantes para a religião. Entre toda vegetação presente nessa área, a mais respeitável é a cajazeira sagrada, pois é de *Naé*, um *vodum* feminino da família de *Davice* que representa a matriarca de todos os *voduns* e regente da Casa, se compara a base que traz a firmeza do lugar, e possui obrigação de vários *voduns*, sendo o primeiro deles *Zomadônu*, por esse motivo existem algumas restrições com a cajazeira, como não subir em seu pé, tirar a casca, cortar galhos, comer só aquilo que cai da árvore e se algum pombo descansar sobre ela, é tratado como um mau sinal de presságio, sendo assim, somente as *vodúnsis* podem tocá-la (FERRETTI,1996).

“Dizem que se a cajazeira grande morrer, tem-se que plantar outra. Não pode ser qualquer árvore, tem que ser árvore grande, que tenha bastante folha e dê sombra, e que seja medicinal.” (FERRETTI, 1996, p. 208). Outras plantas que possuem importância são o pé de pinhão branco colocado para *Acóssi*, e o pé de ginja também chamado de pitanga africana, pois veio trazido da África, sua fruta parece uma cereja e serve para fazer bebida ou doce (FERRETTI,1996).

Como explicado no capítulo, a medicina tradicional é usada para tratamento de enfermidades, sendo elas atribuídas à feitiçaria, perseguições etc. As crianças geralmente estão mais vulneráveis a pegar “mau olhado”, e o método segue utilizando a reza e o benzimento como princípio de melhora. Existem casos de doenças na pele, de pessoas que não possuem mais a visão, e muitas situações são resolvidas com processos de princípios religiosos e tradicionais (FERRETTI,1996).

Muitos procuravam o local para tratamento de derrame cerebral, no qual acontece a imobilização do corpo. O medicamento base utilizado é a aguardente, no

início é usado como purgante, no qual é ingerido o vidro todo, e posteriormente passa a ser usado diariamente em pequenas quantidades, como também é utilizado para uso em massagens (FERRETTI,1996).

4 O TEMPLO

A delimitação da Casa das Minas traz grande significação religiosa, pois é visto como um lugar de conexão com o sagrado, e subdividido em muitos cômodos especiais. Segundo Eliade (1965, p. 21, apud FERRETTI, 1996, p. 256) “para o homem religioso o espaço não é homogêneo, havendo lugares privilegiados, qualitativamente diferentes, por terem sido consagrados e transformados em lugar de comunicação com o sobrenatural, de ligação entre a terra e o céu”.

Figura 22 – Fachada Casa das Minas

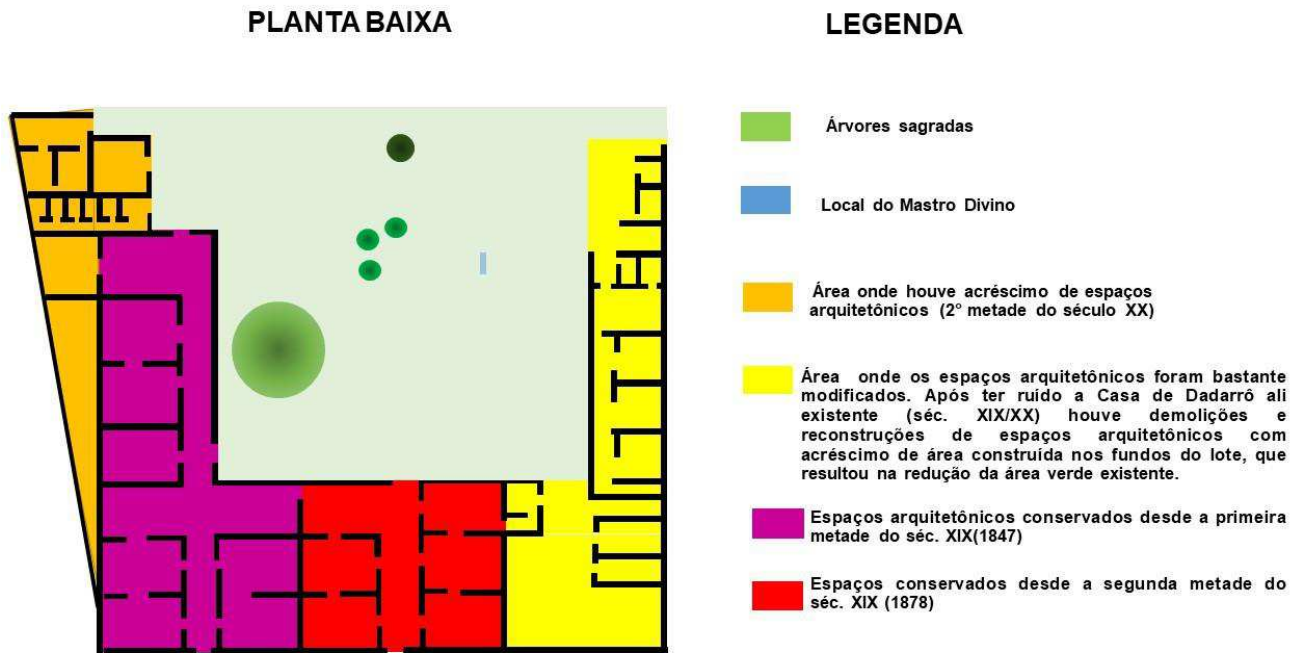


Fonte: Ribeiro, Wikiwand (2018).

A Casa fica localizada na esquina da rua São Pantaleão com o Beco das Minas, e ocupa uma área de trinta metros na parte frontal, e cinquenta metros no fundo. Seu espaço original continha três prédios geminados, mas o terceiro ruiu e hoje em dia só possui um muro de delimitação neste local, a primeira edificação que fica na esquina, foi construída com pedra, pau a pique, cal e adobe no século XVIII, e teve sua conclusão no início do séc. XIX. Posteriormente suas paredes internas foram substituídas por alvenaria de tijolo, que foram rebocadas e pintadas na cor amarela na parte superior, e vermelha na barra inferior, e a externas continuaram do mesmo material, sendo pintadas depois nas cores que estão atualmente. A segunda construção foi feita na metade do século XIX com pedra, adobe e cal, e ainda possui o mesmo material pintado nas cores de verde e vermelho. O terceiro prédio data da

segunda metade do século XX, foi construído com alvenaria de tijolo, mas ruiu com o tempo (IPHAN).

Figura 23 – Planta esquemática da Casa das Minas com os anos de fundação (2001)



Fonte: IPHAN com edição feita pela autora (2019).

Sua planta arquitetônica parte do princípio em “U” contornando seus lados internos por um pátio central com vegetação medicinal, essa concepção de desenho respeita o modelo se terreiros jêje-nagôs, como SANT’ANNA, [200-] afirma:

O modelo espacial básico de terreiro jêje-nagô apresenta duas áreas muito distintas, delimitadas e interrelacionadas: uma, onde estão construídas as edificações de uso religioso e habitacional, e outra, mais intocada e selvagem, reservada ao “mato” - área verde que simboliza a floresta ancestral, onde existem árvores sagradas, plantas ligadas à flora ritual, fontes e alguns “assentamentos” de divindades. Na área edificada - também denominada por Juana Elbein de “espaço urbano”, em decorrência de suas características mais domésticas e controladas, estão localizados a casa principal do culto, o espaço onde as cerimônias públicas são realizadas.

A fachada faz parte da arquitetura colonial, com beiral e várias janelas, sendo representadas por seis ao todo, e duas portas que se abrem para a Rua de São Pantaleão, e possuem diferenciação no coroamento, sendo os vãos da parte da esquerda retos, e os da residência da direita em arco pleno. A arquitetura apresenta característica vernacular por ter sua construção iniciada pela parede de taipa, e posteriormente ter sido feita por tijolos de adobe e alvenaria de tijolo, que foram pintadas na parte superior de cor verde, e na parte inferior na cor vermelha (IPHAN,2001). Os tons das janelas em seu início eram da cor vermelha também, mas passaram a ter seu marrom natural envernizado, e os cômodos da parte interna ficaram na cor amarela na parte superior, com barra vermelha na parte inferior e servem para agasalhar os *voduns* de acordo com seu grupo de divindade (FERRETTI, 1996).

Suas portas e janelas apresentam duas folhas, as mais antigas são em cor vermelha, apresentam bandeiras, e as mais novas não. Internamente a casa é dividida entre famílias, e por exigência do culto, ainda se utilizam técnicas arcaicas como o piso de terra batida avermelhada, que devem ser preservados, pois nesses lugares encontram-se implantados os *assentamentos* da Casa desde o seu início (FERRETTI, 1996). Além disso, a telha do espaço é toda em barro sobre a estrutura da construção, e apresenta seu piso dividido entre a terra batida citada anteriormente, e o piso cimentado.

Figura 24 – Fachada 2 Casa das Minas



Fonte: Clecio Muller, Wikiwand (2018).

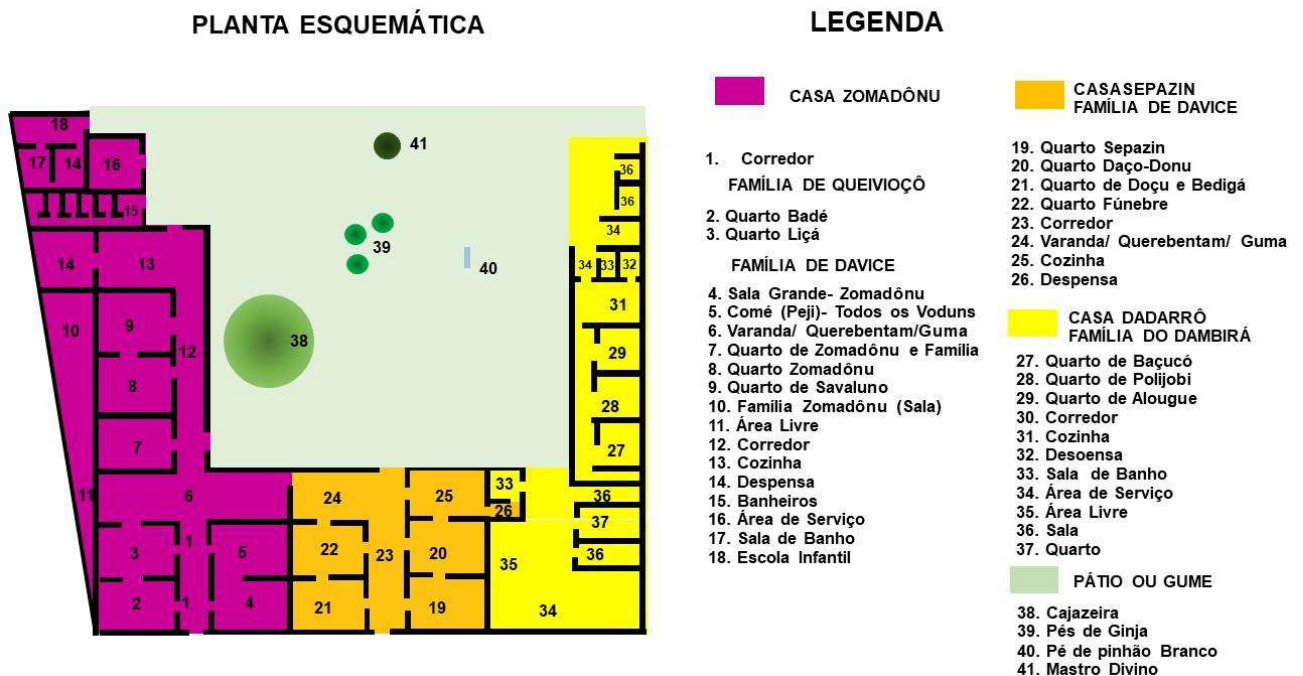
Os visitantes deste espaço sempre fazem reverência em respeito ao local quando entram ou saem do Templo, “Inclinam-se, colocando as duas mãos na soleira e levando-as à fonte, aos lados da cabeça e à nuca. O pessoal da Casa também costuma fazer algumas cerimônias na soleira da porta ou na porta do *comé*. “(FERRETTI, 1996 p.258). Essa porta principal da Casa é o que divide o sagrado do profano presente no mundo exterior, e quando uma filha chega ao local, canta ou bate palma para que outra filha venha receber e derrame água do *comé* para que entre, e quando acontecem os tambores de choro pelo falecimento de algum membro da Casa, aqueles que participaram e presenciaram todo o ritual, devem lavar partes do corpo em uma bacia que contém *amansi* antes de sair do local (FERRETTI,1996).

As áreas da edificação pertencem a grupos de determinadas divindades e se fragmentam em cômodos para cada *vodum*. Ela é feita por vários espaços que apresentam funções sagradas para este lugar, um dos exemplos é o local nomeado de sala grande, que contém um altar católico onde acontecem ladainhas e cânticos africanos. Os toques acontecem na varanda ou *guma* e só podem participar os *voduns* possuídos pelas *vodúnsis* ou filhas-de-santo, e no *gume* acontecem rituais tanto públicos como privados, vale ressaltar que esses espaços contêm o piso em terra batida, enquanto o restante dos outros lugares possui seu piso em cimento (FERRETTI,1996).

4.1 Explicando o Desenho

A abertura da edificação começa por um corredor que vai direto para varanda em que acontecem as festividades, o espaço inicial do lado direito é destinado para a sala grande, um lugar voltado para receber visitas, no qual contém o altar destinado para oração das ladainhas (FERRETTI,1996).

Figura 25 – Planta esquemática da Casa das Minas com explicação dos cômodos (2001)



Fonte: IPHAN com edição feita pela autora (2019).

Essa sala é de *Zomadônu* que têm vãos de portas que se comunicam internamente com quartos laterais, o primeiro deles é o *comé*, local somente dos *voduns* que dançam há mais de 5 anos. As duas salas da esquerda fazem parte da linhagem de *Quevioçô* (FERRETTI,1996).

Figura 26 – Altar da Casa das Minas na Sala Grande (2018)



Fonte: Medium com edição feita pela autora (2019).

A varanda se chama *guma*, é dividida em dois espaços, pois é usada para o jardim também, na totalidade do local pode-se perceber a utilização de bancos de madeira que são utilizados para verem as danças. Na parte esquerda, perto do muro que divide este lugar, há uma estante no qual é colocado o presépio de Natal, e à frente os tocadores se sentam nos rituais. Junto a uma porta ficam armazenados os tambores, e no espaço como um todo há ornamentação com imagens de santos e fotos de dançantes (FERRETTI,1996).

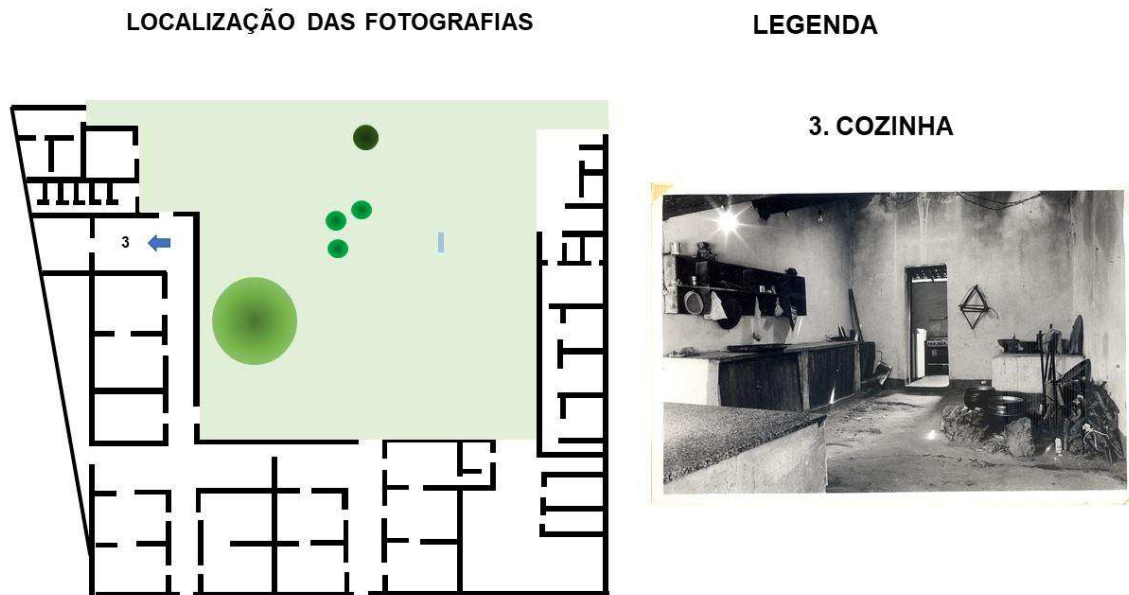
Figura 27 – Foto da Guma (2018)



Fonte: Clecio Muller com edição feita pela autora (2019).

Seguindo no corredor, chega-se novamente à área de *Zomadônu*, neste quarto existe um oratório em que são guardados alimentos feitos para as festas. O outro quarto é da mesma família, e o terceiro é de Savaluno, família hóspede de *Zomadônu*. Na área da cozinha existem pedras utilizadas para apoio de caldeirões em que são feitas as comidas. Depois da área da cozinha, encontra-se um banheiro na parte de fora, que em 1982 sofreu uma ampliação para criação de uma despensa e novos banheiros (FERRETTI,1996).

Figura 28 – Foto da Cozinha (2001)



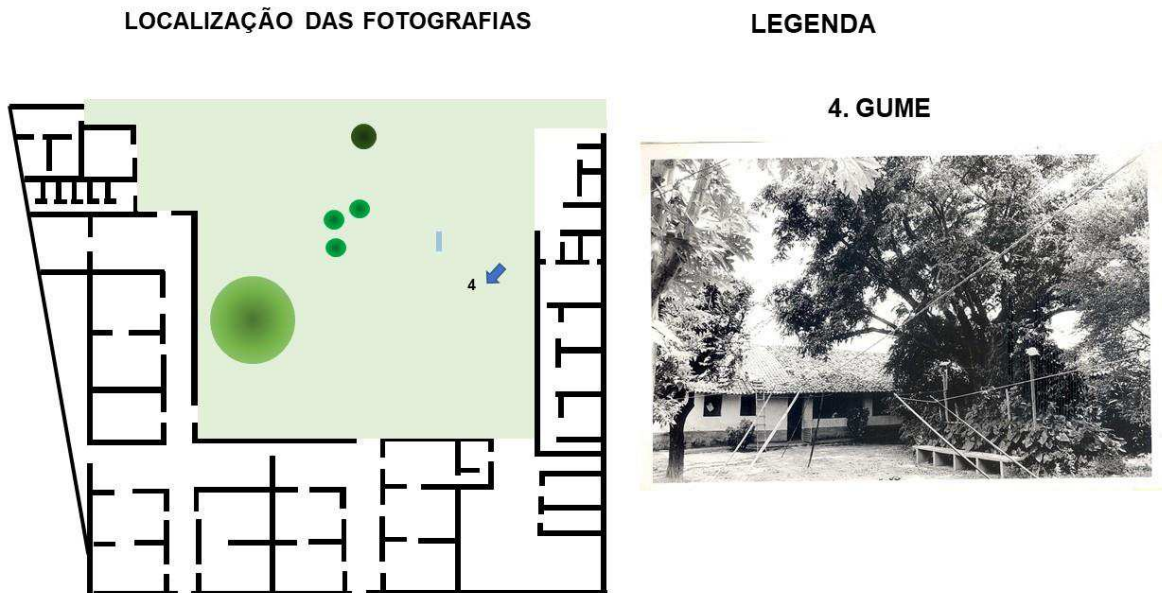
Fonte: IPHAN com edição feita pela autora (2019).

A parte do quintal, ou *gume* existe uma variedade de plantas, uma delas é a cajazeira, uma árvore sagrada perto da acomodação de *Zomadônu* e indica grande importância para a manifestação do Sagrado, como Eliade (1965, p.13) afirma:

O homem ocidental moderno experimenta um certo mal estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se em pedras ou árvores, por exemplo. Mas, como não tardaremos a ver, não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas com pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado.

Existem pés de ginja, além de um pinhão branco e várias vegetações frutíferas que representam a significação das plantas medicinais. Na parte do fundo há três quartos e uma cozinha que possuem conexão com o quintal e criam um pátio interno. São os quartos de *Boçucó*, *Poliboji* e *Alôgue*. No *gume*, palavra de origem jeje que significa terreiro, existem vários *assentamentos* da África que são chamados também de *fundamentos* porque é o local onde vivem as divindades (FERRETTI,1996).

Figura 29 – Foto do Gume com Cajazeira ao fundo (2001)



Fonte: IPHAN com edição feita pela autora (2019).

O outro prédio pertence a *nochê Sepazim*, e aparenta bastante semelhança com o prédio do lado no qual possui comunicação interna. Tem um corredor na entrada, dois cômodos de cada lado que são diretamente ligados à varanda que se liga ao pátio. O quarto que fica na parte esquerda é uma sala para receber visitas pertencente a *Sepazim*, e logo em seguida segue um aposento de *Daco-Donu*, esposo de *Sepazim*. O quarto que fica na direita possui conexão com a Sala Grande e pertence aos irmãos de *Sepazim*. O *comé* aparece como um outro cômodo para ser

um quarto fúnebre, pois neste espaço os corpos daqueles que falecem sempre ficam expostos. Na parte direita da varanda foi feita uma cozinha usada pela família de Davice, e em vários cômodos são encontrados baús para guardar as vestimentas dos voduns, além de louças e objetos pessoais (FERRETTI,1996).

Figura 30 – Foto do Corredor da Casa de Sepazim (2001)



Fonte: IPHAN com edição feita pela autora (2019).

No princípio o piso de toda Casa era em terra batida, e aos poucos os espaços foram começando a serem cimentados, primeiro começando pela Sala Grande, o corredor que fica na entrada do local, em seguida os quartos de *Quevioçô* e de *Sepazim*, passando pelo quarto de *Savaluno* que fica próximo da cozinha, e o corredor que conecta à mesma. Vale ressaltar que algumas áreas mantiveram o piso de terra batido, como o *comé*, a cozinha e a varanda. Durante a época de perseguição a parte do *comé* foi cimentada para não acontecerem riscos ao local, e por esse motivo ninguém pode acabar com a Casa, pois não se têm conhecimento de onde estão todos os *assentamentos*, e as fundadoras não disponibilizaram uma explicação justamente para que esses locais não sejam desmanchados (FERRETTI,1996).

Na Casa das Minas o espaço é dividido entre famílias, as violações deste local trazem punições para o resto da vida, então uma pessoa de família de *vodum* diferente não pode ocupar o espaço de outra família (FERRETTI,1996). Um exemplo disso é citado por Ferretti (1996, p.265) em seu livro: “Dona Amância da família de Dambirá, foi morar na casa de *nochê Sepazim*, da família de *Davice*, pois se considerava chefe da casa por ser a dançante mais antiga. *Nochê Sepazim* apareceu em sonho a Dona Deni, dizendo que não permitia que qualquer pessoa fosse tomar conta de sua casa. Pouco tempo depois Dona Amância adoeceu e morreu”.

4.2 Conexão com a cidade

A Casa das Minas mantém uma conexão de troca com a sociedade maranhense há muitos anos, e isso se intensifica mais ainda quando se trata do âmbito mundial, visto que muitos pesquisadores têm o contato constante com este espaço. Os membros da Casa são da capital, possuem suas vidas relacionadas ao culto, e praticam uma vida condizente com a população de renda mais baixa.

O templo sempre se uniu aos órgãos de fora, seja pelo governo, museus, ou departamentos de turismo que ajudavam a manter a Casa, com afirma Dona Celeste no livro de Ferreti (1996, p.266):

No governo José Sarney, em 1967 ou 1968, quando ela se encontrava no Rio e Dona Manoca já havia falecido, a Casa foi procurada pelo Departamento de Turismo do Estado, que se prontificou a fazer alguns consertos que fossem mais necessários no prédio.

Dona Celeste conseguia muita ajuda dos órgãos públicos, e mantinha ligação com a Primeira-Dama que auxiliava em fases de festas com a compra de mantimentos. Os políticos sempre estavam presentes na Casa para pedir coisas também, como Dona Joana lembrava, que desde a sua infância governadores apareciam por lá (FERRETTI,1996).

A busca pela cultura que envolvia o tambor de mina aumentou ao longo dos anos, trouxe diretamente a disseminação do turismo presente neste culto, e espaços que seguiam o ritual. Dona Zeca era umas das participantes do terreiro da Turquia e lembrava da época de 1944, como é dito abaixo no livro de Ferretti (1996, p.267):

O chefe da polícia Flávio Bezerra, assistiu a uma festa das tobóssis naquele terreiro e achou muito bonita. Ele queria mostrar a festa à sua mulher e combinou mandar fazer uma apresentação no teatro, que deveria ser realizada dia 11 de novembro de 1944. Dona Anastácia, então chefe da Casa, estava em dúvida, mas dizia-se que elas deveriam ir, pois quem iria dançar eram os *encantados* e não elas. No dia combinado, às nove da manhã, faleceu a “guia”, ou mãe segunda da Casa, e ninguém mais quis ir.

O interesse turístico pela Casa começou em 1953, quando Café-Filho chegou na Capital e pediu para ver o tambor de mina. Porém o interesse pelo culto por parte dos intelectuais que estudavam aspectos históricos e culturais, surgiu a partir de estudos feitos anteriormente pelo Nunes Pereira e Octávio da Costa, datados de 1947 e 1948, que iniciaram a busca e respeito pelo local em meio aos preconceitos contra os negros e suas demonstrações de cunho religioso (FERRETTI,1996).

Apesar da busca e respeito do mundo exterior, já haviam acontecido várias perseguições aos terreiros distribuídos no Estado, a época de 1910 foi marcante por conta da ocultação dos ritos por meio de manifestações de danças, eram feitas somente nos dias de festas dos santos católicos para evitar ataques por parte da população. Na época a Casa das Minas e Casa de Nagô eram vistas como lugares de macumba, e pessoas se benziavam quando passavam em frente, ou não deixavam que seus filhos passassem ali. Dessa forma a Cidade sempre difundia preconceito contra a religião e contra os negros que sempre sofreram desde o início, e sofrem perseguições até os dias de hoje (FERRETTI,1996).

A relação atual dos membros da Casa com os Órgãos governamentais e lideranças demonstra aspecto positivo e bom para ambas as partes, mas inicialmente prevaleceu a prática das relações serem administradas pelas Secretarias de Segurança Pública, que registravam as casas, e cobravam taxas para liberar cerimônias. Essa conduta não acontecia com outras religiões no Brasil, visto que legalmente existe a liberdade de culto (FERRETTI,1996).

Os membros da Casa sempre viram as outras religiões como boas. “Dona Deni diz que a religião é um caminho, que no mundo há muitos caminhos, todos vão a Deus e cada um segue o seu.” (Ferretti, 1996, p. 269). Mas em geral quem segue ao culto possui apreço pela religião católica, costumam ir às missas e se veem como bons católicos. Por conta disso, a Casa tinha amizade com um padre, como conta Dona Celeste á FERRETTI (1996, p.270):

Dona Celeste lembra que o padre Chaves, falecido em meados da década de 1940, que era muito querido na cidade, era amigo da Casa. Ele sabia que a casa era um terreiro de mina, que tinha um altar muito bonito, e Dona Celeste lembra de tê-lo visto umas duas vezes celebrando missa lá.

Porém existem histórias de intolerância por parte dos membros que seguiam o catolicismo, um exemplo era uma senhora que comungava na Igreja por anos, e quando ficou idosa não pôde mais ir, por conta disso o padre sempre levava a comunhão em seus aposentos, até que um dia alguém disseminou a informação de que ela fazia parte de um terreiro, e o padre parou de levar a ela esta comunhão (FERRETTI,1996).

Com relação ao tambor de mina e o protestantismo, sempre costumava acontecer intolerância por parte dos outros religiosos, e eles costumavam ser mais preconceituosos com o culto, existem casos com ligação à Casa, de mulheres que se casaram com protestantes e pararam de frequentar o lugar sagrado, sendo assim, acabaram gerando a loucura destas pessoas que se distanciaram. Agora o contato da religião com o espiritismo atende a uma certa aceitação, alguns membros já frequentaram algumas casas, mesmo sabendo que as chefes não eram a favor, além dos *voduns* não gostarem de se comunicar com os mortos (FERRETTI,1996).

A aproximação da Casa com outros terreiros de mina era cuidadosa, já que as mais antigas acreditavam que o contato e visitas a esses lugares iriam acarretar loucura e embriaguez das visitantes. Dona Deni explica que as entidades são diferentes no livro de Ferreti (1996, p.271), como é mostrado abaixo:

Dona Deni diz que, em outros terreiros, *voduns* que dizem ser jeje são diferentes dos da Casa das Minas. Dizem que os *invísíveis* são um só e que a religião é a mesma, mas Dona Deni acha que não é bem assim, pois os jejes da Casa das Minas não vão a outros terreiros. Segundo ela, os que dizem que são jejes não o são, não sabem as diferenças. O nome pode até ser o mesmo, mas a entidade é diferente. Para ela, os *voduns* de lá tem costumes diferentes dos outros, até na maneira de se manifestar.

Inicialmente não existiam muitos terreiros distribuídos na Capital que seguiam a mina, mas havia chefes em outros terreiros que possuíam amizade com a Casa. Vários desses lugares foram fechando com a morte dos chefes, alguns ainda são mantidos, e outros tiveram filhas que fundaram suas casas e continuaram seguindo a religião (FERRETTI,1996).

Atualmente a realidade mudou, e existem mais terreiros distribuídos na Capital. Entre os mais conhecidos estão a Casa de Nagô, Terreiro de Belém, Terreiro Fé em Deus, Terreiro de São Benedito, Terreiro da Turquia (Nifé Olorum), Casa Fanti Ashânti, e outros que foram fundados bem no início, mas fecharam por conta do falecimento do chefe da Casa (FERRETTI,1996).

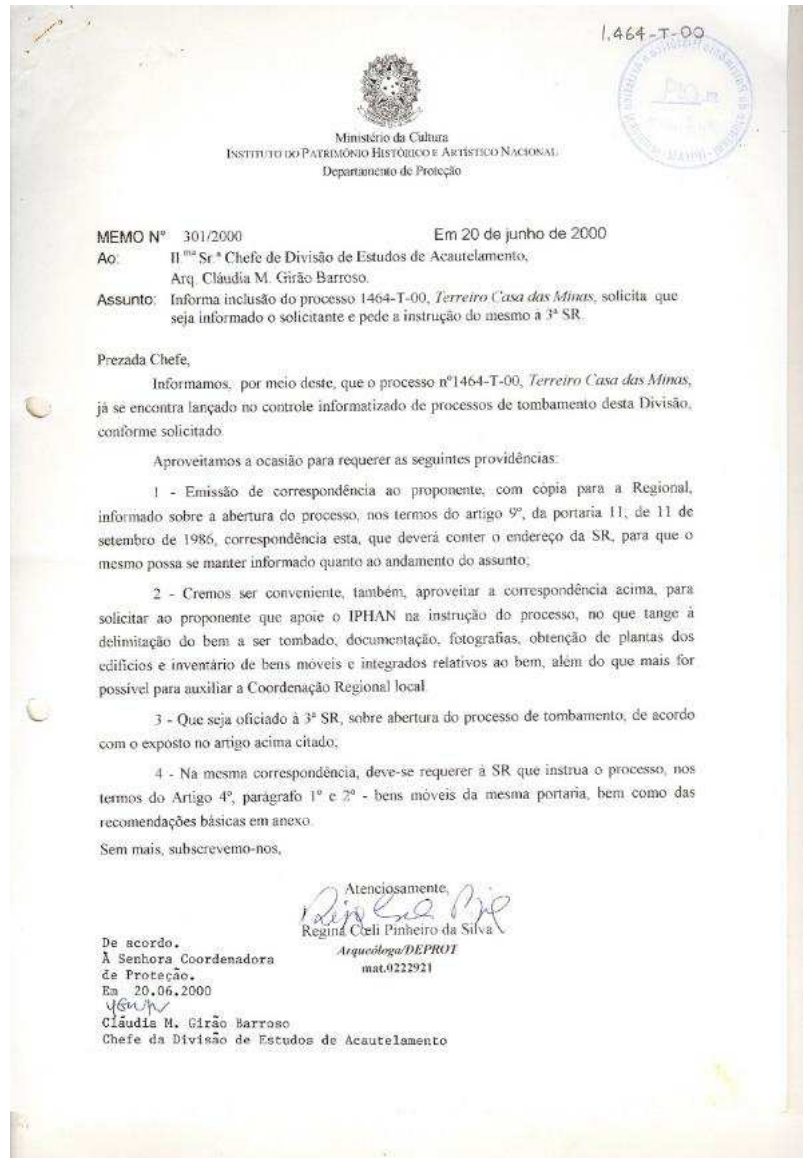
4.3 Registro Histórico como Termo Patrimonial

Diante da importância acerca da Casa das Minas e toda sua significação para a sociedade, em 16 de junho de 2000 foi aberto o primeiro processo de solicitação para o tombamento da Casa das Minas, na época o pedido foi feito pelo chefe da irmandade do templo, o Sr. Denil Prata Jardim com o apoio do presidente da comissão maranhense de folclore, prof. Sérgio Ferretti, da Diretora do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, FUNCMA, Sra. Maria Michol Pinho de Carvalho, e do curador da Fundação Gilberto Freyre, Sr. Raul Lody, e o processo se chamou “Terreiro Casa das Minas, situado na Rua de São Pantaleão, 857, no Município de São Luís, Estado do Maranhão”(IPHAN, 2000).

Após a instauração, a solicitação foi encaminhada ao DEPROT para inserção do assunto no sistema de controle de processos. Sendo assim, foram direcionados alguns textos para o IPHAN que seriam incorporados aos estudos que fundamentariam o tombamento da Casa. Nesse texto anexado, continha a descrição em relação a localização, explicação do desenho de seu prédio, artigos que mostravam a importância da Casa, além da explicação sobre o culto (IPHAN,2000).

No dia 20 de junho de 2000 foi iniciado o processo de tombamento aos registros informatizados, e solicitado que fosse tomada algumas providências, como cópia de abertura do processo, documentação, fotografias, plantas do prédio, inventários dos bens imóveis, além de outras recomendações que incluem alguns aspectos, como apresentar a justificativa do tombamento, os bens naturais que são localizados por meio da planta topográfica, além de considerar o seu uso e função sócio-cultural ao longo do tempo, etc (IPHAN, 2000), como mostra o documento abaixo:

Figura 31 – Foto do Documento com solicitação para tombamento



Fonte: IPHAN (2000).

Após a organização de toda a documentação, a partir do dia 23 de julho de 2001 foi anexado ao dossiê as solicitações feitas pelo IPHAN, e em 9 de agosto adicionada 30 fotos em tamanho de 10x15 referentes às festas que aconteceram na Casa entre os anos de 1985 e 2001. Após essa data, no dia 27 de setembro foram anexadas mais 261 fotos em duplicadas, totalizando 522 imagens, além de 12 fotos que se relacionavam com a Casa (IPHAN, 2001).

Depois desse longo processo de junção de material, no dia 17 de agosto de 2001 foi registrado o tombamento da Casa das Minas por ser uma das casas mais antigas que trazem o culto africano, além de preservar e proteger a identidade cultural brasileira e transmitir para futuras gerações (IPHAN, 2001).

Figura 32 – Documento com registro de tombamento

Ministério da Cultura
IPHAN
 3ª Superintendência Regional

1.464-T-00
 Fl. 148
 R. M. Soares
 Registro do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN - IPRONAC

Processo de Tombamento nº 1464-T-00
Arquivo Noronha Santos / DID / IPHAN
TERREIRO CASA DAS MINAS – Rua de São Pantaleão nº 857/857A – São Luís/MA

PARECER DA 3ª SR/IPHAN

São Luís/MA, 17 de Agosto de 2001

A Casa Grande das Minas, ou Casa das Minas Jeje, ou Querebentã de Zomadônu – seu nome africano, ou simplesmente Casa das Minas, como é mais conhecida, é a casa mais antiga de culto africano no Maranhão e uma das mais antigas no Brasil. Trata-se de um templo religioso, onde é desenvolvida a religião afro-brasileira, caracterizada pelo transe ou possessão de entidades sobrenaturais chamadas de Voduns, que são invocados pelos participantes através de rituais com cânticos e danças. Os Voduns ali cultuados pertencem a três famílias: Davice, Dambirã e Quevioçô, sendo a primeira considerada a mais importante porque o chefe da casa, Zomadônu, pertence a ela.

Convém salientar que a Casa das Minas é o único lugar fora da África, onde são cultuados divindades da família real do Abomey, e também o único terreiro da nação mina Jeje, organizado por escravos africanos que trouxeram as pedras de assentamento, representativas das divindades, e necessárias à fundação da Casa. Esta sociedade africana transplantada para o Brasil e pioneira no Norte do país possui grande coesão familiar, centrada no regime matriarcal, constituindo-se portanto, em um dos exemplos mais expressivos de afirmação da identidade étnica afro-brasileira.

Apesar do suposto fim da vida ativa da Casa das Minas após essa última geração de filhas de Santo, conforme anuncia os estudiosos do tema, analisando o dossiê em anexo, referente a Casa das Minas Jeje de São Luís/MA, o mesmo relata com precisão as características de sua estrutura mitológica, de seu ritual e de sua organização ao longo dos seus cento e oitenta anos de existência, acentuando também, a importância dessa manifestação religiosa e cultural e o seu *valor etnográfico inegável* para a nação e o mundo. Dessa forma, de acordo com a nossa responsabilidade e compromisso constitucional em preservar e proteger a identidade cultural brasileira, transmitindo-a às gerações futuras, recomendamos o tombamento isolado pelo governo federal da Casa das Minas Jeje e do seu acervo móvel arrolado neste processo. É o nosso parecer.

Atenciosamente,

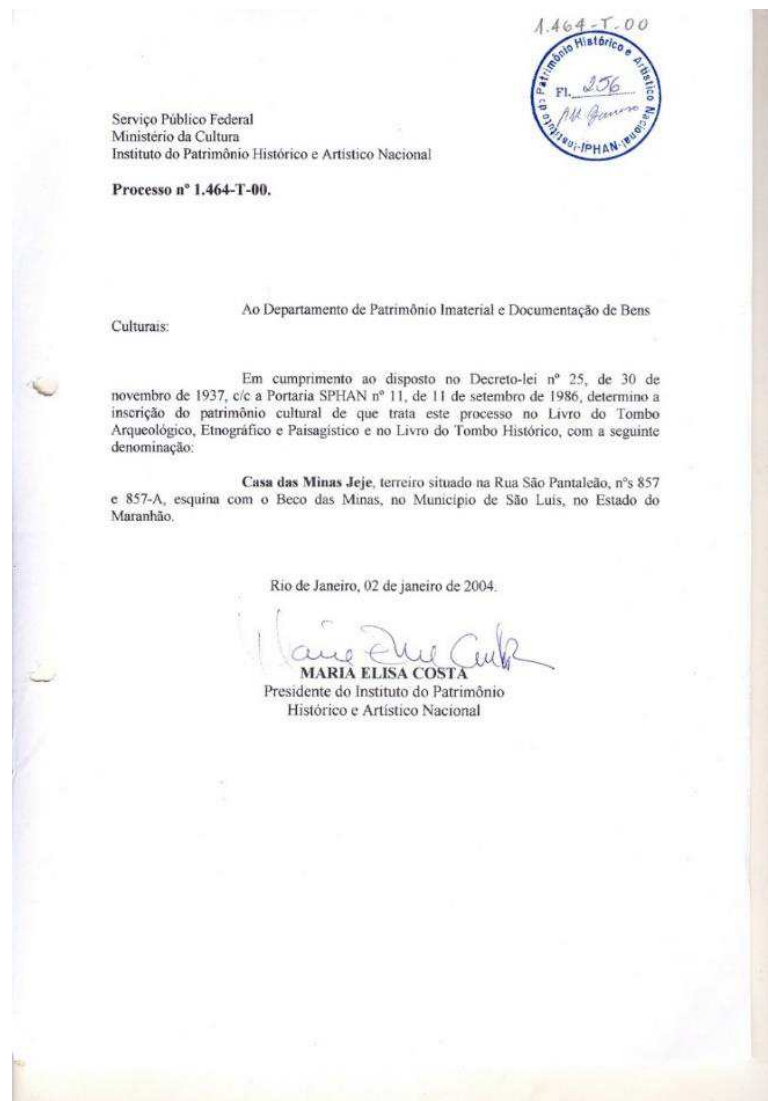
Stella Regina Soares de Brito
 Chefe da Divisão Técnica /Arquiteta
 3ªSR/IPHAN

Kátia Santos Bogéa
 Técnica III /Historiadora
 3ªSR/IPHAN

Fonte: IPHAN (2001).

Ao longo do processo, o pedido passou por várias análises, e no dia 22 de agosto de 2002 foi reconhecida por meio de reunião, a aprovação do tombamento do templo por unanimidade dos membros do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural no Rio de Janeiro, para validar finalmente outra documentação no dia 22 de novembro de 2002 com o tombamento do templo sagrado. Já em 2 de janeiro de 2004 aconteceu o ponto de partida para a determinação da inscrição da Casa no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico, e paisagístico, e no Livro do Tombo Histórico (IPHAN, 2004).

Figura 33 – Documento com registro de inscrição da Casa no Livro do Tombo



4.4 Situação Atual

A religião presente na Casa das Minas marcou grande importância para o ambiente afro-maranhense, pois os elementos que continuam enraizados nessa doutrina retratam também a resistência de um povo. A Casa surgiu em 1847 e conta a sua história até hoje por meio das tradições que ainda permanecem neste espaço em meio às modificações ao longo dos anos. Mas como dito anteriormente neste trabalho, o último barco de iniciação completo aconteceu em 1914, e devido algumas modificações feitas de última hora nessa preparação, as *vodúnsis-gonjaí* que fizeram parte do ritual começaram a morrer a partir da década de 1970 (FERRETTI, 1996).

Neste momento não foram recebidas outras filhas e vários rituais feitos anteriormente começaram a entrar em declínio, o que influenciou na percepção das pessoas acerca dos rituais, como Roberto Mota e Costa Eduardo afirmam à FERRETTI (1996, p.278):

Roberto Mota disse que a Casa das Minas está sempre diminuindo mas tem sempre gente, festas e rituais. Costa Eduardo nos disse que, na metade da década de 1940, constatou a presença de umas vinte dançantes no cordão de festa da Casa. *Vodúnsis* antigas nos disseram que houve festas na Casa das Minas que chegavam a ter mais cinquenta *vodúnsis* participando na roda dos *voduns*. Na segunda metade da década de 1990 é difícil baixarem mais de cinco *voduns* numa festa.

Após a morte das últimas *gonjaís*, as *vodúnsi-he* não puderam ser preparadas e conseqüentemente não estavam aptas para receber *tobóssis*, realizar rituais específicos, ou preparar novas *gonjaís* (FERRETTI,1996). Em meio a entrevistas para entendimento sobre a realidade da Casa atualmente, pude conversar com o Senhor Euzébio Pinto, morador da Casa, *huntó* chefe da Casa das Minas, participante da administração do templo, e neto de Mãe Amélia Vieira Pinto, que tinha *vodum* da família de Davice *tói* do Sul.

No seu relato, ele afirmou que hoje em dia existem somente cinco pessoas vivendo na Casa, sendo a Enedina, Zobeiuda, José de Ribamar, Elizabeth da religião

e ele. Atualmente não acontecem mais matanças de animais, somente obrigações internas e continuam seguindo o mesmo calendário feito no início.

Festas como a queimação das palhinhas do presépio continuam acontecendo, juntamente com ladainhas e as mesas de doces. “O dia de Reis ou no dia de São Benedito, de Cosme e Damião, continuam sendo organizadas. É também comum em algumas destas festas ocorrer apresentações de grupos de Tambor de Crioula ou de Bumba-meu-boi que comunicam que irão se apresentar na Casa.” (FERRETTI, 2012, p.8)

Ele também disse que hoje em dia a Casa se mantém com a ajuda dos membros que se encontram vivendo no local. Como não se tem informação de como a Casa foi assentada, ela automaticamente não poderá ser fechada e futuramente poderá ficar para o Estado e se transformar em algum tipo de museu ou escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho baseou-se em um tema rico e importante que nos remete ao valor cultural presente no Maranhão, partindo do entendimento acerca da africanidade religiosa no estado, e em seus frutos, como a Casa das Minas. A introdução da religião africana no Estado do Maranhão começou a partir do séc. XVIII, o que deu origem posteriormente à Casa das Minas no séc. XIX. Sua fundação foi o início de uma nova realidade cultural e ritualística para os negros africanos vindos do Sul de Benin, e o culto praticado trouxe grande valor patrimonial cultural, e mais tarde o título de Patrimônio Cultural do Estado do Maranhão pelo IPHAN, por reconhecer a importância de preservar este bem cultural.

Diante disso, para se atingir a compreensão acerca da africanidade religiosa na Casa, delineou-se o objetivo geral de analisar a Casa das Minas como elemento de resistência africana em São Luís do Maranhão. Foi necessário entender também a partir do referido culto e sua resistência cultural por meio da sua formação, sua identidade e arquitetura determinada pela religião, partindo dos objetivos específicos que se delimitaram em quatro.

O primeiro deles foi verificar a introdução da religião africana no Estado, e por meio de artigos foi possível entender as diferenciações entre os segmentos de cultos africanos no Estado, e perceber como os ritos foram se adaptando no Maranhão.

O segundo trouxe conhecimento sobre o culto, foram usados livros para entendimento acerca do ritual, e percebeu-se uma significação muito grande e importante em relação as práticas da Casa, que até hoje resistem em meio às mudanças, além disso foi observado por meio de visitas ao local e conversas, que o culto não é praticado mais da mesma forma, e que muita coisa permanece mais na memória do que em prática entre os religiosos por conta de situações do passado.

O outro objetivo retratava a história da Casa das Minas, e as pesquisas bibliográficas foram de grande importância para traçar o histórico de fundação do templo, e entender seu aspecto de criação. As descobertas variaram entre saber que a Casa passou por um outro endereço antes de fincar sua estrutura na rua de São

Pantaleão, além de possuir uma estruturação que prioriza as mulheres como chefes da Casa.

Por último foi necessário esclarecer sobre a arquitetura da Casa e sua organização dentro do templo, para isso foram utilizadas fotos e livros para conceber o entendimento sobre o funcionamento deste local. A casa possui uma divisão que respeita as divindades e funciona a partir delas, por meio rituais, e da própria estrutura no qual foi feita a Casa, ela contempla o piso de terra batido por representar significados, agrega uma área enorme com plantas medicinais, e usufrui de lugares sagrados.

Conforme demonstrado, tem-se de maneira geral, um histórico que retrata a importância e resistência da Casa para o Estado, porém entra-se no aspecto de que na religião, por ser naturalmente fundada por africanos, foi criando um contexto único de introdução de membros na Casa, do qual posteriormente sofreu uma iniciação de declínio da religião devido ao não recebimento de novas filhas. Sendo assim, vários rituais característicos foram deixados de serem feitos, e percebeu-se o futuro incerto da Casa.

Em concordância com a pesquisa feita e características exemplificadas acima, percebe-se um grande potencial em relação ao objeto de estudo, portanto, é possível reconhecer a importância e relevância da cultura presente na Casa das Minas para com a sociedade, e sua resistência por meio de sua história. Ressalta-se ainda que compreender a cultura presente no templo, faz com que esta e futuras gerações se apropriem da história formadora da cultura africana do Estado, e repercute uma herança inigualável para o Maranhão. Ao considerar essa abordagem, as relações dos indivíduos de fora mudam a favor do aspecto cultural ali presente, influenciando assim em novas dinâmicas culturais de contato com este meio, e no não apagamento hoje em dia, e futuramente da cultura africana tão rica na Casa.

Mas além disso, é importante trazer essa discussão da base, e levá-la para diversos âmbitos populacionais, trazendo mais estudos e palestras sobre a influência do negro, que é tão presente em diversos aspectos culturais, identitários e únicos, para que o respeito e o conhecimento seja finalmente real, e essa intolerância e preconceito acabe. Políticas públicas também devem ser iniciadas, para que interajam

mais ativamente com a Casa e possibilitem obras que mantenham o prédio, além de leis que assegurem direitos de proteção a este templo sagrado. Ademais, os profissionais da arquitetura e urbanismo também devem participar dessas discussões, para entender mais a fundo quando a religião define o ambiente sagrado, e seja tomado conhecimento do bem imaterial que contorna e se faz presente no terreiro da Casa das Minas e na história do Maranhão.

Fica como principal sugestão para futuros trabalhos, o aprofundamento acerca dos *voduns* existentes na cultura presente da Casa. Pois além de proporcionar conhecimento, também agrega valor histórico ao entendimento do começo da Casa, e como houve a influência no rito desde o seu início. Possibilitar este entendimento de certa forma, irá criar uma expansão maior de conhecimento do local sagrado, e tornar a religião menos complexa.

Um outro tópico relevante para ser trabalhado, é o entendimento de como acontece o funcionamento da Casa hoje em dia, sabendo-se que no passado existiam restrições de usos dos ambientes divididos somente entre as divindades, entendendo também que aconteciam ritos que foram extintos ao longo dos anos, e que o local não possui mais as mesmas quantidades de membros do princípio por conta da própria religião. Compreendendo essa nova configuração, pode-se entender a adaptação do culto com o passar do tempo, e como eles enxergam o futuro do templo daqui alguns anos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e Patrimônio: Ensaios Contemporâneos**. Lamparina Editora, Rio de Janeiro, 2003
- ALVARENGA, Oneyda. **Tambor de mina e tambor de crioula, registros sonoros do folclore musical brasileiro**. São Paulo, Discoteca Pública Municipal, 1948.
- ANDRÉS, Luiz Phelipe. **A fundação de São Luis do Maranhão e o projeto urbanístico do Engenheiro Militar Francisco Frias de Mesquita**. DACULTURA, ANO XIII / Nº 23. Disponível em: http://www.funceb.org.br/images/revista/26_REV_FUNCEB_0a7e0f.pdf Acesso em: 17 nov. 2019.
- BARRANHA, Helena. **Patrimônio cultural: conceitos e critérios fundamentais**. Primeira edição: IST Press e ICOMOS-Portugal Lisboa, 2016.
- BARRETTO, Maria Amália Pereira. **Os voduns do Maranhão**. São Luís: FUNC, 1977. A Casa Fanti-Ashanti em São Luís do Maranhão. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1987, v. 1 e 2. (Tese de Doutorado em Antropologia).
- BASTIDE, Roger. **Religiões Africanas no Brasil: Contribuição a Uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações**. ENIO MATHEUS GUAZZELLI & CIA. LTDA- São Paulo, 1971.
- BITENCOURT, Juliano; PREVE, Daniel; SOUZA, Ismael. **Patrimônio Cultural, direito e meio ambiente: Um debate sobre a globalização, cidadania e sustentabilidade**. Multideia, Curitiba 2015.
- BRANDI, Cesari. **Teoria da Restauração**. São Paulo, Editora: Atelie, 2013
- CARTA DE CRACÓVIA 2000 PRINCÍPIOS PARA A CONSERVAÇÃO E O RESTAURO DO PATRIMÔNIO CONSTRUÍDO** Cracóvia (Polónia), 26 de Outubro de 2000. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf> Acesso em: 18 nov 2019
- CAVALCANTI, Maria Laura. **A Casa das Minas de São Luís do Maranhão e a Aaga de Nã Agontimé**. Sociol. Antropol. vol.9 no.2 Rio de Janeiro May/Aug. 2019 Epub Aug 19, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752019000200387&lng=en&nrm=iso&tlng=en Acesso em: 16 nov. 2019
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo, Editora UNESP, 1992
- CHUVA, Márcia; NOGUEIRA, Antônio Gilberto Ramos. **Patrimônio Cultural Políticas E Perspectivas Da Preservação No Brasil**. Rio de Janeiro, Editora: Mauad, 2012.
- DUARTE, Ana Paula Moreira Pinto. **Diálogos sobre o Patrimônio Cultural das Colônias localizadas próximas à área de Alagamento da Barragem do Rio Miringuava em São José dos Pinhais-PR**. Disponível em: <http://www.aroeira.org.br/porta/wp-content/uploads/2018/04/Livro-Dialogos-Sobre-Patrimonio-Cultural-das-Coloniascapa-e-miolo.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2019.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o Profano**. Livraria Martins Fontes Editora Ltda- SÃO PAULO. 1992

FERREIRA, Cássia Betânia; CONCEIÇÃO, Karen Cristina; SILVA, Tayany Kerlly. **Casa das Minas: Declínio das heranças jejes no Maranhão.** 64ª Reunião Anual da SBPC. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/64ra/resumos/resumos/7605.htm> Acesso em: 16 nov. 2019

FERRETTI, Mundicarmo. **A mina maranhense, seu desenvolvimento e suas relações com outras tradições afro-brasileiras.** Publicado em MAUÉS, R. e VILLACORTA, G. Pajelança e religiões afro-brasileiras. Belém: EDUFPA, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.ufma.br:8080/jspui/bitstream/1/281/1/Mina%20e%20outras%20denominacoes.pdf> Acesso em: 16 nov. 2019

FERRETTI, Mundicarmo. **O caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís - a Casa Fanti-Ashanti.** Originais da 2ª ed. (1996) pub. EDUFMA (2000)

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **De segunda a domingo, etnografia de um mercado coberto. Mina, uma religião de origem africana/** Mundicarmo Maria Rocha Ferretti - São Luís, SIOGE, 1985.

FERRETTI, Mundicarmo. **Pureza Nagô e nações africanas no tambor de mina no Maranhão.** Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, año 3, n. 3, p. 75-94, oct. 2001. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINOR ELIGIOSO/artigos4/pureza_nago.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINOR%20ELIGIOSO/artigos4/pureza_nago.pdf) Acesso em: 14 nov. 2019.

FERRETTI, Mundicarmo. **TAMBOR DE MINA E UMBANDA: O culto aos caboclos no Maranhão.** Publicado no Jornal do CEUCAB-RS: O Triangulo Sagrado, Ano III, n. 39 (1996), 40 e 41 (1997). Disponível em: <https://repositorio.ufma.br/jspui/bitstream/1/205/1/Mina%20e%20Umbanda.pdf> Acesso em: 16 nov. 2019

FERRETTI, Mundicarmo. **TAMBOR-DE-MINA EM SÃO LUÍS: dos registros da Missão de Pesquisas Folclóricas aos nossos dias.** REVISTA PÓS CIÊNCIAS SOCIAIS - SÃO LUÍS, V. 3, N. 6, JUL/DEZ. 2006. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/viewFile/811/3043> Acesso em: 20 nov. 2019 em: <http://www.repositorio.ufma.br:8080/jspui/bitstream/1/281/1/Mina%20e%20outras%20denominacoes.pdf> Acesso em: 17 nov. 2019.

FERRETTI, Sérgio. **Diversidade Religiosa e Cultural do Maranhão.** SEMANA DE ENSINO RELIGIOSO DO INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES DO MARANHÃO EM SÃO LUÍS, 1º, Anais, 16 out. 2001. Disponível em: <http://gurupi.ufma.br:8080/jspui/bitstream/1/293/1/Diversidade%20religiosa%20e%20cultural%20do%20Maranh%20C3%A3o.pdf> Acesso em: 14 nov. 2019

FERRETTI, Sérgio. **Estórias da Casa Grande das Minas jeje.** Texto publicado no folheto Casa das Minas, Querebentã de Zomadonu. São Luís: IPHAN, 2008, p 15-24. Disponível em: <https://repositorio.ufma.br/jspui/bitstream/1/294/1/Estorias%20da%20Casa%20Grande%20das%20Minas%20Jeje%20II.pdf> Acesso em: 16 nov. 2019

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Querebentã de Zomadônu: Etnografia da Casa das Minas/** Sérgio Figueiredo Ferretti. - 2ª ed.- São Luís; Editora: EDUFMA, São Luís, MA, 1996.

FERRETTI, Sérgio. **Repensando o sincretismo.** Edusp.1995

FERRETTI, Sérgio; FERRETTI, Mundicarmo. **Transe nas religiões afro-brasileiras do Maranhão.** Trabalho apresentado na IX Jornada sobre Alternativas Religiosas na América Latina, organizado no IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 21 a 24/09/1999. Disponível em: [http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo%20\(5\).pdf](http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo%20(5).pdf) Acesso em: 16 nov. 2019.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GERALDI, Juliana. **Antropologia, Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial.** Cadernos NAUI Vol. 7, p. 1-28, jul-dez 2018. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/192755/ANTROPOLOGIA%20PATRIM%20CULTURAL%20E%20EDUCA%20ATRIMONIAL_NAUI%20%281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em: 14 nov. 2019.

GÓIS, Aurino José. **As religiões de matrizes africanas: o Candomblé, seu espaço e sistema religioso.** Belo Horizonte, v. 11, n. 29, p. 321-352, jan./mar. 2013. Disponível em: [Dialnet-AsReligioesDeMatrizesAfricanas-4400204%20.pdf](http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4400204). Acesso em: 20 Nov. 2019.

GRANATOIA, Marcus; SOUSA, Emanuela; MELO, Bruno. **Cartas Patrimoniais e a Preservação do Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia.** Inf. Inf., Londrina, v. 23, n. 3, p. 202 – 229, set./dez. 2018. Disponível em: [30997-167823-1-PB.pdf](http://www.inf.ufpr.br/inf/2018/3/202-229-granatoia-sousa-melo.pdf) Acesso em: 15 nov.2019

IPHAN. **Centro Histórico de São Luís.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Centro%20Hist%C3%B3rico%20de%20S%C3%A3o%20Lu%C3%ADs.pdf>. Acesso em: 15 nov.2019

JÚNIOR, Magno. **Patrimônio cultural e a institucionalização da memória coletiva no Brasil.** Biblio3W REVISTA BIBLIOGRÁFICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES Universidad de Barcelona, Vol. XXIII, núm. 1.239 15 de junio de 2018 . Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-1239.pdf> Acesso em: 18 nov. 2019.

LEMOS, Carlos A.C. **O que é patrimônio histórico.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

Lima, Carlos de. **Caminhos de São Luís : (ruas, logradouros e prédios históricos) / Carlos de Lima.** São Paulo : Siciliano,2002.

LINDOSO, Gerson. et al. **As religiões de matriz africana em Zé Doca do Maranhão.** CONNEPI, 2010. Disponível em: <http://congressos.ifal.edu.br/index.php/connepi/CONNEPI2010/paper/viewFile/1312/590> Acesso em: 16. Nov. 2019

LOPES, J. A. V. **São Luís ilha do Maranhão e Alcântara: guia de arquitetura e paisagem**. São Luís, Servilla, 2008

LOPIS, Erivania. **Patrimônio histórico cultural: preservar ou transformar? Uma questão conflituosa**. Revista Mosaico – Volume 8 – Número 12 – 2017. Disponível em: 65461-144791-1-PB.pdf. Acesso em: 17 nov. 2019.

MARCUSSI, Alexandre de Almeida. **Candomblé**. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2010. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/docs/default-source/publica%C3%A7%C3%B5es/candombl%C3%A9.pdf?sfvrsn=0>. Acesso em: 20 nov. 2019

MARQUES, Antônio Gabriel Filho. **Da senzala à unidade racial: uma nova abordagem da realidade racial no Brasil**. Mogi Mirim, SP: Editora Planeta Paz, 1996.

MARTINS, Jaqueline. **Patrimônio histórico-cultural imaterial e a educação patrimonial : entrelaçando saberes da história regional e memória**. I COLOQUIO GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL, Campinas Anais, 1 ago. 2019. Disponível em: https://www.ixseminarionacionalcmu.com.br/resources/anais/8/1562596233_ARQUIVO_seminariounicamp.pdf Acesso em: 15 nov. 2019.

MELO, Alessandro; CARDOZO, Poliana. **Patrimônio, Turismo Cultural e Educação Patrimonial**. Artigo, Educ. Soc., Campinas, v. 36, nº. 133, p. 1059-1075, out.-dez., 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v36n133/1678-4626-es-36-133-01059.pdf> Acesso em: 18 nov. 2019.

MENDES, Antônio Rosa. **O que é Patrimônio Cultural**. GENTE SINGULAR editora 2012. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/61506613.pdf> Acesso: 17 nov. 2019.

NUNES, Herliton Rodrigues. **Memória dos negros na formação do tambor de mina em São Luís do Maranhão (1888-1945)**. 2018. 62 f. Dissertação (Pós-graduação em memória: Linguagem e sociedade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2018.

OLIVEIRA, Jorge Itaci. **Orixás e Voduns no Terreiro de Mina/ Jorge Itaci de Oliveira - Autobiografia –São Luís, MA: Papyrus, 1989.**

PELEGRINI, Sandra C.A. **Patrimônio cultural: consciência e preservação** . São Paulo: Brasiliense, 2009.

PELEGRINI, Sandra. **Os bens intangíveis e as políticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil: Histórias, Narrativas e memórias**. III ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE – IFCH / UNICAMP. 2007. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2007/PELEGRINI,%20Sandra%20C.%20A.pdf> Acesso em: 17 nov. 2019

PEREIRA, Elizabeth. **Patrimônio Cultural Imaterial: Uma reflexão sobre o registro do bem cultural como forma de preservação**. 2012. Monografia, pós graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, CELACC/ECA-USP 2012.

PEREIRA, Elizabeth. **Patrimônio Cultural Imaterial: Uma reflexão sobre o registro do bem cultural como forma de preservação**. 2012. Monografia, pós graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, CELACC/ECA-USP 2012.

PEREIRO, Xerardo. **Património cultural: o casamento entre património e cultura**. em ADRA n.º 2. Revista dos sócios do Museu do Povo Galego, pp. 23-41, 2006. Disponível em: https://formacaompr.files.wordpress.com/2010/03/patrimonio-cultural_xerardo-p.pdf. Acesso: 17 nov. 2019.

SANT'ANNA, Márcia. **Escravidão no Brasil: os terreiros de candomblé e a resistência cultural dos povos negros**. Revista Oralidad. Disponível em: http://www.pontaojongo.uff.br/sites/default/files/upload/escravidaao_no_brasil_os_terreiros_de_candomble_e_a_resistencia_cultural_dos_povos_negros.pdf. Acesso em: 14 nov.2019.

Santos, Maria do Rosário Carvalho; Santos Neto, Manoel dos. **Boboromina, terreiros de São Luís : uma interpretação sócio cultural**-SECMA/SIOGE, 1989.

SANTOS, Reinilda. **CULTOS AFRICANOS: Sujeitos, Identidades e Conflitos no Maranhão**. XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, NATAL-RN. Anais, 22-26 de julho de 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364932760_ARQUIVO_textoprovvisorio.pdf Acesso em: 16 nov. 2019

SILVA, Geórgia Patrícia. **TÍTULO DE PATRIMÔNIO CULTURAL DA HUMANIDADE: um selo de garantia ou uma promessa fantasiosa?** VI JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS. 20-23 ago.2013. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo6-estadoculturaeidentidade/titulodepatrimonioculturaldahumanidade-umselodegarantiaouumapromessafantasiosa.pdf> Acesso em: 20 nov 2019.

SILVA, Márcia. **LIBERDADE DE CULTO: uma abordagem do processo de diminuição às perseguições policiais em terreiros de Culto Afro-Brasileiro de São Luís na década de 1960**. 2008. 107f. Monografia, Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão, Licenciatura em História, São Luís, 2008.

SOARES, Daisy Santos; FRANÇA, Cristina Pierre. **Patrimônio Cultural**. Disponível em: <http://www2.unigranrio.br/recursos/documentos/IC/10IC.pdf> Acesso em: 17 nov. 2019.

TOMAZ, Paulo Cesar. **A preservação do Patrimônio Cultural e sua trajetória no Brasil**. Artigo, Fênix – Revista de História e Estudos Culturais Maio/ Junho/ Julho/ Agosto de 2010 Vol. 7 Ano VII nº 2 ISSN: 1807-6971. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF23/ARTIGO_8_PAULO_CESAR_TOMAZ_FENIX_MAIO_AGOSTO_2010.pdf Acesso em: 17 nov. 2019.

GLOSSÁRIO

ABATÁ — Tambor de Cavalete usado no tambor de mina. Feito em madeira ou metal, com couro nas duas extremidades, armação em metal, afinado a torniquete. Usa-se uma parêha de dois tambores, com tamanhos e sons diferentes (Sérgio Ferreti, 1996, p.288).

ABÉ — Vodum feminino da família de Quevioçô. Faz papel de Toquém. É a estrela-guia que caiu na água do mar e se encantou numa pescada. Assemelha-se à lemanjá dos nagôs (Sérgio Ferreti, 1996, p.288).

ABOBÓ — Comida preparada com feijão branco de olho preto, dendê, quiabo, pimenta do reino e de cheiro. Usa-se em todas as festas (Sérgio Ferreti, 1996, p.288).

ABOMEY — Cidade localizada ao Sul da República popular de Benim, antigo Daomé, sede da monarquia daomeana (Sérgio Ferreti, 1996, p.288).

ACARAJÉ — Comida preparada com feijão branco socado em pilão de pedra, levando quiabo, dendê e pimenta. Usada no natal, na festa de São Sebastião, no São João e em outras festas (Sérgio Ferreti, 1996, p.288).

ACÓSSI — Vodum masculino, velho, chefe da família de Dambirá. Cientista e Curador. Adora São Lázaro. Recebe oferenda num pinhão branco no quintal (Sérgio Ferreti, 1996, p.288).

ADANDOZÃ — Reinou no Daomé entre 1795 e 1818 e teria vendido como escrava Nã Agotimé (Sérgio Ferreti, 1996, p.289).

AGÔ — Água (Sérgio Ferreti, 1996, p.289).

AGOTIMÉ — Esposa do rei Agongolo (1789- 1797) de Abomey, mãe do futuro rei Ghezo (1818- 1858). Teria sido vendida como escrava pelo rei Adandozã (1797-1818) e vinda para o Brasil. Seria a fundadora da Casa das Minas (Sérgio Ferreti, 1996, p.289).

AJAUTÓ — Vodum masculino, adulto, pais de Avrejó. Amigo da Casa, mora ao lado de Quevioçô. É velho, ajuda a tomar conta dos filhos de Acóssi e encontrou Bôçá perdida. É rei Nagô, protetor dos advogados (Sérgio Ferreti, 1996, p.289).

ALADÁ — Cidade ao Sul do ex-Daomé, atual Benin, onde se originou o culto dos voduns da família de Aladânu, chefiados por Ajautó (Sérgio Ferreti, 1996, p.289).

ALADÂNU — Nome privado de Ajautó. Habitante natural de Aladá (Sérgio Ferreti, 1996, p.289).

ALÔGUE — Vodum masculino, adulto da família de Dambirá (Sérgio Ferreti, 1996, p.289).

ALUÁ — Bebida fermentada feita com gengibre, farinha de milho e mel (Sérgio Ferreti, 1996, p.289).

AMANSI — Líquido preparado com diversas folhas, inclusive de cajazeira, com água do comé. É utilizado em muitos rituais (Sérgio Ferreti, 1996, p.289).

AVEREQUETE — Vodum masculino, rapaz da família de Quevioçô. Fala e faz papel de toquém. Na Casa das Minas é considerado a estrela-guia, e adora São Benedito. (Sérgio Ferreti, 1996, p.290).

AVIEVODUM — Deus Superior (Sérgio Ferreti, 1996, p.290).

BADÉ — Vodum masculino da família de Quevioçô. Na Casa das Minas, é adulto, mudo, e só fala por sinais interpretados pelos toquéns (Sérgio Ferreti, 1996, p.291).

BEDIGÁ — Vodum masculino, adulto, da família de Davice. Filho de Dadarrô e Naedona (Sérgio Ferreti, 1996, p.291).

BOÇUCÓ — Vodum masculino da família de Dambirá. Faz papel de Toquém (Sérgio Ferreti, 1996, p.292).

BRANCOS — Modo de designar os voduns (Sérgio Ferreti, 1996, p.292).

COMÉ — Quarto dos santos, chamado peji nos cultos nagôs. São os santuários onde se encontram os assentamentos das divindades e outros objetos do culto, e onde entram apenas os iniciados. Comé é o nome de uma cidade ao sul da República de Benim

(Sérgio Ferreti, 1996, p.293).

DACO-DONU — Vodum masculino da família de Davice, marido de Sepazim, pai de Daco. Ele é rei de Aladá (Sérgio Ferreti, 1996, p.294).

DADARRÔ — Vodum masculino da família de Davice, um dos mais velhos, criou os toquéns. É o protetor dos homens com dinheiro (Sérgio Ferreti, 1996, p.294).

DOÇU — Vodum masculino da família de Dadarrô, filho de Dadarrô (Sérgio Ferreti, 1996, p.295).

ENCANTADO — Divindade, Vodum, caboclo , sombra, invisível (Sérgio Ferreti, 1996, p.295).

FURÁ — Bebida ritual usada no tambor de mina, em algumas cerimônias. É preparada com milho e água posta em fermentação, levando gergelim e outros ingredientes (Sérgio Ferreti, 1996, p.297).

GHEZO — Rei de Abomey, que reinou entre 1818 e 1859 e filho da rainha Nã Agotimé (Sérgio Ferreti, 1996, p.297).

GONJAÍ — Vodúnsi-gonjaí, filha-de-santo feita completa, que recebia vodum e uma tobóssi na Casa das Minas e que estava acima das vodúnsis-he, por seu nível superior de iniciação (Sérgio Ferreti, 1996, p.297).

GUMA — Varanda de danças ou terreiro, lugar onde dança o tambor de mina (Sérgio Ferreti, 1996, p.298).

GUME — Pátio interno, quintal ou jardim (Sérgio Ferreti, 1996, p.298).

NOCHÊ — Minha mãe, derivado de nô , mãe, e chê, minha (Sérgio Ferreti, 1996, p.302).

NOVICHE — Minha irmã, termo de tratamento usado entre as filhas-de-santo (Sérgio Ferreti, 1996, p.298).

PEJI — Quarto dos Santos, quarto privado, quarto dos segredos (Sérgio Ferreti, 1996, p.303).

POLIBOJI — Vodum masculino da família de Dambirá, filho de tói Acóssi (Sérgio Ferreti, 1996, p.303).

SEPAZIM — Vodum feminino da família de Davice, filha de Dadarrô e esposa de Daco-Donu (Sérgio Ferreti, 1996, p.303).

TOÇÁ — Vodum masculino, toquém da família de Davice (Sérgio Ferreti, 1996, p.307).

TOHOSSU — Reis da água, representam os espíritos infantis dos filhos nascidos anormais do reis de Abomey. Eram jogados no rio e eles se dedicavam ao culto especial (Sérgio Ferreti, 1996, p.307).

TÓI — Meu pai, Tratamento das vodúnsis aos voduns (Sérgio Ferreti, 1996, p.307).

TOQUÉM — Vodum mais novo, que vem na frente, abre os caminhos aos mais velhos, leva e traz recados (Sérgio Ferreti, 1996, p.307).

VODUM — Divindade, em jeje, que corresponde a orixá em nagô. Os voduns podem ser velhos, adultos, jovens ou crianças, masculinos e femininos, e agrupam-se em famílias ou panteões, com características específicas. São considerados como intercessores entre Evovodum, o Deus Superior, e os homens. Incorporam-se durante o transe nas vodúnsis, ou filhas-de-santo (Sérgio Ferreti, 1996, p.309).

VODÚNSI-GONJAÍ — Filha-de-santo feita com todos os graus de iniciação e recebe tobóssi (Sérgio Ferreti, 1996, p.309).

VODÚNSI-HE — Filha-de-santo que se submeteu aos primeiros graus de iniciação e que recebe um vodum (Sérgio Ferreti, 1996, p.309).



REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL
TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO
<http://repositorio.uema.br/>

1 DADOS DO AUTOR

Nome: Emylle Costa Oliveira

Curso/departamento: Arquitetura e Urbanismo - CCT CPF: 058.734.753-85

E-mail: emylle.oliveira@gmail.com telefone: (98) 98214-7336.

2 IDENTIFICAÇÃO DO DOCUMENTO

Tipo de documento:

(x) Monografia de graduação () Monografia de especialização () Dissertação () Tese
() Livros () Artigo de periódico () Outro, informar qual: _____

Título do documento: ARQUITETURA E ORIGEM DA CASA DAS MINAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DO MARANHÃO

Local: São Luís

ano: 2019

Orientador: Profa. Dr^a Margareth Gomes de Figueiredo

Co-orientador: Profa. Camila Bezerra de Carvalho


3 ESPECIFICAÇÕES PARA LIBERAÇÃO ON LINE

- a) Liberação imediata (x)
- b) Liberação a partir de 1 ano ()
- c) Liberação a partir de 2 anos ()
- d) No aguardo do registro de patente ()

4 PERMISSÃO DE ACESSO

Na qualidade de titular dos direitos autorais do trabalho acima citado, **autorizo** a Biblioteca Digital da Universidade Estadual do Maranhão a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, o referido documento de minha autoria, em formato PDF, para leitura, impressão e/ou download, conforme permissão assinalada.

São Luís, 30 de Novembro de 2021.


Assinatura do autor